

RESERVADO CAPA

Jornada Pedagógica 2020 Simpósio de Educação

*O Aperfeiçoamento do Professor da Rede
Municipal de Ensino de Praia Grande*

O Simpósio de Educação é mais uma iniciativa da Secretaria de Educação de Praia Grande que estimula, incentiva e inspira o professor a se aperfeiçoar em sua carreira profissional, de forma a enriquecer sua práxis, visando reflexões e ações consistentes, refletindo em sala de aula no aprendizado dos alunos que é o objetivo maior do trabalho docente.

A continuidade acadêmica dos professores dessa rede municipal de ensino foi tema do encontro em uma das programações da Jornada Pedagógica 2020. Desafios na busca do Mestrado e Doutorado foram socializados pelos profissionais presentes nas várias salas da E.M São Francisco de Assis, junto aos seus pares.

O aumento no número de profissionais da rede com diplomas de mestrado e doutorado reflete diretamente na qualidade de ensino dos alunos, o que leva a Secretaria de Educação a incentivar os professores para que busquem aperfeiçoamento profissional, proporcionando benefícios acadêmicos e financeiros aos docentes.

Professores habilitados em Mestrado e Doutorado e outros em curso, se reuniram trocando ideias de forma a agregar suas experiências acadêmicas aos colegas de trabalho que vislumbram tais títulos. O evento foi muito produtivo e gerou textos com as percepções dos envolvidos, os quais estão nesse ebook para conhecimento de todos.

Que a leitura seja inspiradora!

SUMÁRIO

MARIA VALDENICE SOUSA CRUZ PROENÇA	6
NADJA FERREIRA DA SILVA	8
ISRAEL BATISTA DE OLIVEIRA	12
ANDERSON MANOEL CALEFFI	15
LARYSSA DE SOUZA GOULART	19
PAULO DUEK	21
SIMONY FEICHAS RENÓ, MICHELLE CRISTIANE SOUZA BENICIO, VALÉRIA CARBONI, PATRÍCIA REGIANE DA SILVA FURLANETO E SARAH BENTO DOS SANTOS SILVA	25
MARTA MARIA SILVA	32
CLÉBER BRAGA BEZERRA DA SILVA	37
CRISTINA PEREIRA CARVALHO	40
SILVIA CINELLI QUARANTA	42
FRANCIVALDO LOURENÇO DA SILVA	45
RAQUEL SANTOS ZANDONADI	47
RICARDO RAMOS RUGAI	50
ESTEFÂNIA DE ARAÚJO SANTOS NORONHA	54
LEONARDO DE OLIVEIRA CASADEI	56
RAFAEL DA SILVA E SILVA	57
ROSIMERE DE SOUZA PEREIRA	60

Memorial de Formação

Anderson Manoel Caleffi
amcaleffi@gmail.com

Israel Batista De Oliveira
prof.israelbatista38@gmail.com

Maria Valdenice Proença
mvscproenca@gmail.com

Nadja Ferreira Da Silva
nadjafsilva@hotmail.com

Praia Grande - SP
2020

INTRODUÇÃO

Anualmente a Secretaria de Educação no município de Praia Grande realiza o evento Jornada Pedagógica, com o intuito de trazer reflexões sobre a prática docente por meio de Palestras e trocas de experiências entre os educadores, que concorrem ao Prêmio Professor expondo suas “Práticas Pedagógicas de Sucesso” realizadas sempre no ano anterior.

O evento que acontece logo ao início de cada ano letivo contou com um Simpósio de Educação no ano de 2020, momento em que os professores puderam optar em participar de uma troca de experiência com outros colegas, sobre especializações voltadas para o Stricto Sensu.

Durante o período em que estiveram reunidos os Professores Convidados que atuam na rede da Educação municipal da cidade compartilharam suas trajetórias acadêmicas relatando como foi seu percurso e o quanto este trajeto agrega em suas práticas docentes.

Parte das experiências que foram trocadas entre os Professores Convidados e os educadores do município foram descritas para publicação, sendo que neste trabalho estão relatadas as experiências vivenciadas por: Anderson Manoel Caleffi, Israel Batista de Oliveira, Maria Valdenice Souza Cruz Proença e Nadja Ferreira da Silva.

Desejamos que os nossos relatos possam inspirar outros colegas a ascenderem em seus estudos nos cursos de Stricto Sensu, elevando seus conhecimentos no âmbito profissional de modo que possam refletir no avanço da aprendizagem dos nossos alunos, com o objetivo de propor uma Educação de Qualidade.

O início

Nasci em 1978 em uma pequena cidade do norte de Minas Gerais chamada Jaíba. Cresci com pés descalços e histórias na cabeça. Como todas as meninas da cidade, amadureci ouvindo “causos”, cuidando da casa, dos irmãos menores, dos estudos e ainda das brincadeiras na rua.

Engravidei e casei aos 16 anos, o que era praticamente o fim dos estudos para uma menina pobre. Mas eu não desistiria! Mesmo com filho pequeno e já tendo terminado a oitava série do ensino fundamental, matriculei-me no magistério, que abandonei posteriormente para me mudar para a Baixada Santista, onde meu jovem marido conseguiu trabalho.

A luta pela educação I

Estudar nunca foi fácil, sempre foi uma luta árdua. Foram dias difíceis para conseguir uma vaga. Dirigi-me até a diretoria de ensino para lutar por ela, pois sabia que era meu direito. Consegui, mas não no magistério. Cursei o ensino médio na Escola Estadual Martin Afonso, onde também frequentei o Centro Estadual de Estudos de Línguas Martin Afonso, formando-me em espanhol avançado. Ainda nessa escola, por minhas boas notas, no terceiro ano ganhei a inscrição gratuita para o vestibular da Unesp, que me rendeu uma aprovação para Física. Na época era uma apaixonada pela área de exatas, mas os poucos recursos financeiros inviabilizaram a mudança para outra cidade para estudar.

A luta pela Educação II

Com filho pequeno e vivendo de serviços informais, resolvi que não desistiria de minha formação. Assim disputei o vestibular para Letras na Universidade Católica de Santos (Unisantos), conseguindo a segunda melhor nota. Minha segunda luta estava ainda no começo, pois não tinha recursos para custear uma universidade particular. Paguei a matrícula e comecei a estudar. O contentamento de estar estudando era maior que o problema financeiro. Para conseguir o FIES (Financiamento estudantil) seis meses após o início do curso, marquei reunião com o reitor, acordei os débitos atrasados com a Universidade e saí “à caça” de um fiador. Não foi fácil, mas consegui me graduar e honrar todos os pagamentos em dia. Logo após, em 2005, cursei especialização em Gestão Escolar e a complementação para o curso de Pedagogia na Universidade Bandeirantes de São Paulo, antiga Uniban.

A luta pela Educação III

Tive novamente de recorrer à reitoria para adiantar a colação de grau pois conseguira a aprovação em um concurso público no município de Itapevi, interior de São Paulo e concomitantemente, passei no concurso do Estado de São Paulo. A carga dobrada finalmente me rendia o suficiente para viver. Já em meu segundo casamento, engravidei do meu segundo filho e o que era carga virou “pena”. Trabalhando já há três anos em três turnos diários, entrei em trabalho de parto no quinto mês de gravidez, o que me fez parar de trabalhar.

Com horas ociosas, resolvi voltar a estudar para trabalhar um pouco menos e planejei o mestrado. Com filho recém-nascido fui aceita no Curso de pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação na PUC- SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), obtendo bolsa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior), sendo orientada da Dra. Claudia Lemes Ferreira Davis. A pesquisa foi realizada junto a professores da Fundação Casa, a Dissertação “Professores que atuam junto a adolescentes em conflito com a Lei: Sentidos e significados construídos sobre seus alunos e sobre sua prática” obteve nota dez e foi recomendada para publicação.

A luta pela educação IV

A publicação não se realizou, pois juntamente com o fim do curso de Mestrado, iniciava a graduação de Direito na Universidade Católica de Santos. A aprovação na Ordem dos Advogados do Brasil foi conseguida no nono semestre, antes da formatura. A Educação ganhou um grande concorrente no coração.

Grávida da terceira filha, fui aceita em 2014 para o Doutorado em Direito Internacional na mesma universidade, mas um ano depois tive de abandoná-lo. O alto custo da educação no Brasil, aliado à redução do número de ofertas de bolsas restou inviável o prosseguimento dos estudos naquele momento. Voltei para a educação.

A luta continua

A vida é feita de lutas e o Doutorado é o próximo nível a ser alcançado. Se em Educação ou em Direito o coração ainda não decidiu. O importante é buscar o conhecimento e a evolução pessoal e profissional. Sobre a luta Gonçalves Dias em Canção do Tamoio nos adverte: “Não chores, que a vida/ É luta renhida: Viver é lutar. /A vida é combate/Que os fracos abate/Que os fortes, os bravos/ Só pode exaltar.” Aconselhemo-nos sempre nas palavras de Machado de Assis (Memórias Póstumas de Brás Cubas): “O essencial é que lutes. Vida é luta. Vida sem luta é um mar morto no centro do organismo universal.”
Segue a luta!

Iniciei minha trajetória no Ensino Superior dez anos após o término do Ensino Médio, escolhi pelo curso de Licenciatura Plena em História, tendo como referência minha professora da 5ª série (do antigo ginásio), que sempre valorizava as argumentações dos alunos despertando o senso crítico e a cidadania. Realizei meus estudos na Faculdade de Educação, Ciências e Letras Don Domênico, na cidade do Guarujá (SP), entre os anos de 2004 a 2007. Período em que também desenvolvi algumas Extensões Universitárias, entre elas: Geopolítica e Filosofia.

Durante o período de Graduação sempre me despertou interesse em temas que abordassem a questão interdisciplinar ao compreender que o processo de aprendizagem perpassa por diversos âmbitos do conhecimento, fato que me fez despertar cada vez mais em ampliar meus horizontes e me preparar para atender as necessidades dos alunos.

Após o término da graduação passei a lecionar em escolas municipais e estaduais nas cidades de São Vicente e Praia Grande, sendo possível aprender e compreender e na prática em quais pontos eu necessitava me esmerar para oferecer uma educação de qualidade, que dialoga com os dias atuais sem ficar presa ao passado histórico com datas e especificações que não trazem referência ao cotidiano dos alunos.

Agrego que neste sentido um dos pontos favoráveis, em ampliar a minha visão, foi a oportunidade de poder lecionar tanto para o Ensino Fundamental II, quanto para a EJA (Educação de Jovens e Adultos), que embora pareçam dois universos tão distantes apresentam as mesmas características ao relacionar o conhecimento prévio com o conteúdo a ser trabalhado, entretanto, se este conteúdo não dialoga com a sua vivência torna-se sem sentido, descharacterizando o processo de ensino aprendizagem reflexivo em detrimento de uma memorização temporária, sendo esta a questão que me fez refletir no processo educacional e em minha necessidade em ampliar conhecimentos relacionados não apenas nas especificidades presentes no campo da História, mas sobretudo no âmbito da Educação.

Considero que ao lecionar em diferentes segmentos ao início de minha trajetória me possibilitou compreender outras perspectivas e perceber que aprendi muito mais com os alunos, do que no próprio período em que estive na Faculdade, sendo de fundamental importância o conhecimento que adquiri ao lecionar, pois as dúvidas dos alunos me levavam a pesquisar questões que eu jamais havia cogitado e neste sentido tornou-se meu alicerce, os quais utilizo até os dias de hoje.

Momento Charneira

Segundo Paulo Freire ensinar é aprender com o aluno e neste sentido os dois primeiros anos de minha atuação serviram de muitas contribuições para a minha compreensão sobre Educação. Entretanto, aponto como momento charneira o ano de 2010, ano em que trabalhei no município de Peruíbe e me deparei com outra realidade, distante de tudo aquilo que eu havia vivenciado até então, seja no âmbito profissional ou pessoal.

Durante o ano citado, lecionei em duas escolas, sendo uma delas rural, onde para chegar até a unidade eu avistava búfalos, gambás e tantos outros animais presentes na Mata Atlântica era incrível conviver com os macacos mi-co-leão-dourado no pátio da escola. Esta realidade me fez perceber que, lecionar a disciplina de história era mais do que comentar sobre o tempo histórico... era contextualizar uma realidade da qual eu não conhecia, com a valorização da preservação ambiental da qual os alunos estavam inseridos, fazendo-os sentir-se valorizados por pertencerem àquele espaço, que não é melhor, nem pior que a cidade, é apenas diferente e que também possui seus encantos. Digo isso porque havia apenas duas salas de aula (uma de 6º e outra de 7º Ano), e nestes Ano/Séries é indicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais o conhecimento sobre a História Antiga e Medieval, mas, como falar para um aluno sobre outros continentes (Europa, África e Ásia), se ele não conhece nem a praia de sua cidade?

Foi neste momento que compreendi na prática, a real necessidade em se trabalhar as especificidades de cada lugar sem deixar de atender ao todo, eu havia passado pela experiência de escolas urbanas, alunos que tinham acesso à tecnologia e facilidades que a cidade grande oferece, como: transporte, internet, equipamentos eletrônicos, lojas, entre outros, e, agora, a realidade era completamente diferente, eu me encontrava com alunos que não sabiam o que era um pen-drive, mas, que conheciam, valorizavam e tinham vitrolas em suas casas. Foi uma experiência única e maravilhosa que me fez refletir, ainda mais, sobre a minha prática e o quanto eu necessitava me aperfeiçoar, sendo este um momento de ruptura em minha vida profissional, visto que eu passei a compreender melhor o que estava inserido no discurso de Paulo Freire, quando o mesmo se refere a "leitura de mundo" e como podemos, enquanto educadores, contribuir para uma educação humanizada e solidária.

No ano seguinte (em 2011), ingressei em um Concurso Público no município de Praia Grande, onde atuo como Professora de História até os dias atuais, lecionando para alunos do Ensino Fundamental II e EJA (Educação de Jovens e Adultos), sempre trazendo comigo toda a experiência vivenciada no ano de 2010.

Ao iniciar em Praia Grande, cheguei a realizar um intercâmbio entre os alunos da cidade e do campo, levando os alunos da cidade de Praia Grande para conhecerem as escolas de Peruíbe. Foi uma troca incrível, os alunos participaram das atividades proporcionadas pela equipe gestora das escolas que visitamos, trocaram experiências, sendo enriquecedor para ambos. No dia da visita os pais acompanharam os alunos e também se emocionaram com a realidade do local.

Em meio a todo este contexto minhas inquietações se intensificaram em ampliar conhecimentos e referenciais que me levassem a desenvolver novas práticas educacionais, motivos pelos quais ingressei em uma especialização *Stricto Sensu* de Mestrado em Educação no ano de 2013, oferecido pela Universidade Católica de Santos.

Ampliando Conhecimentos

Tendo como referência minha trajetória desde a Graduação, prossegui com foco no contexto interdisciplinar e optei pela Linha de Pesquisa: Políticas Públicas, mais especificamente em Meio Ambiente e Educação Ambiental, temas muito discutidos no âmbito educacional e com urgência no desenvolvimento de práticas que ultrapassem a linha do discurso.

Fato que me levou a atrelar os conhecimentos adquiridos com a prática que desenvolvo em sala de aula, sendo enriquecedor perceber o avanço dos alunos no processo de aprendizagem quando os mesmos passaram a compreender e relacionar fatos do cotidiano com a proposta que estávamos estudando. Segundo Miras (2006) este processo se caracteriza por aprendizagem significativa e para Zabala (1998),

A capacidade de uma pessoa para se relacionar depende das experiências que vive, e as instituições educacionais são um dos lugares preferenciais, nesta época, para se estabelecer vínculos e relações que condicionam e definem as próprias concepções pessoais sobre si mesmo e sobre os demais (p. 28).

Em toda minha trajetória de estudos no Mestrado foi gratificante poder relacionar o conhecimento adquirido do âmbito educacional com o contexto histórico da Graduação, fator que me possibilitou vivenciar diferentes experiências que dialogassem com o cotidiano dos alunos, propondo reflexões críticas, como por exemplo, temas que contemplam as transformações do espaço natural, alterações estas que se intensificaram a partir da I Revolução Industrial, quando o homem passa a vender seu tempo de trabalho tornando-se escravo do capital. A proposta está em promover a interdisciplinaridade e por meio dela discutir questões ambientais formando cidadãos críticos e conscientes de suas ações com foco no desenvolvimento sustentável.

Ao relacionar esses temas e desenvolver a pesquisa sobre as questões ambientais me possibilitou refletir sobre os saberes necessários à minha prática educativa e que não estão relacionados aos conhecimentos restritos sobre um único ponto, mas sim a dialógica comentada por Paulo Freire (1996), ao mencionar que a ética pedagógica possui alguns alicerces sobre a visão de mundo, entre elas a autonomia tanto dos Professores, quanto dos alunos, pois sem ela não há ensino e tão pouco aprendizagem.

Neste sentido ambos necessitam de autonomia e considero ter sido de fundamental importância a minha trajetória acadêmica no curso de Mestrado em Educação finalizado no ano de 2015, com o qual muito aprendi e ao mesmo tempo me despertou o interesse em continuar nos estudos, ingressando no curso de Doutorado em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo em meados de 2017, onde estou ampliando meus conhecimentos sobre as questões ambientais e educacionais principalmente as relacionadas ao aquecimento global. Questões que procuro discutir por meio da interdisciplinaridade com os alunos ao propor reflexões sobre as suas ações e responsabilidade neste processo que envolve o consumo responsável.

Por fim, considero que toda a minha trajetória acadêmica transformou a minha visão sobre a Educação e alteraram a minha prática pedagógica sempre focada no aluno possibilitando que o mesmo desenvolva autonomia, reflexão, senso crítico e respeito às diferenças, pois só por meio da educação é possível intervir no mundo e alterar o presente, seja ele professor ou aluno.

Nasci na cidade de São Paulo há 45 anos, venho de uma família numerosa, éramos nove irmãos, cinco mulheres e quatro homens, entretanto, perdi duas irmãs: uma morreu por afogamento em 1996 e outra, em 2014, foi a óbito por suposto erro médico seis meses após realizar uma cirurgia.

Fui criado por meus pais, oriundos do Nordeste, os quais são semianalfabetos, minha mãe frequentou a escola apenas um semestre, meu pai estudou até a 5ª série, trabalhava na construção civil e devido ao número grande de pessoas na nossa na família, passei a trabalhar aos 12 anos ajudando-o no ofício de pedreiro.

Naquele tempo o país atravessava uma grave crise econômica e o mais importante era ter recursos financeiros para manter o básico como: alimentação, vestuário e o pagamento das contas mensais. Foi nessa época que desenvolvi conceitos básicos de solidariedade, convivência em grupo, economia, responsabilidade, entre outros que tenho comigo até hoje.

Minha infância foi de muitas brincadeiras de rua, naquela época passava maior parte do tempo fora de casa entre amigos no tranquilo bairro em que eu morava.

Em 1982, iniciei os estudos na 1ª série na Escola Estadual Gago Coutinho, como uniforme, usava avental branco, calça jeans e tênis conga azul. Tenho poucas lembranças dessa escola, contudo, o desfile de 7 de setembro e o concurso de fanfarras que ocorriam na tão destacada avenida Presidente Kennedy me marcaram bastante. Cada turma se apresentava no desfile com uma temática, em um determinado ano, minha sala representou os espantalhos e ganhamos o prêmio de melhor fantasia, comemoramos durante todo o restante do ano letivo.

Em 1986, fui morar em outro bairro da cidade e conseqüentemente mudei para a antiga Escola Estadual do Balneário ABC, hoje Escola Estadual Vilma Catharina Mosca Leone, onde cursei da 4ª até a 8ª série. Nessa escola tive aulas de matemática com professora de matemática Sidnéia Góia, ela tinha uma forma de ensinar que me encantava, de forma que me influenciou mais tarde a me tornar professor dessa disciplina.

No ano 1991, cursei o 1º ano do ensino médio na Escola Estadual Reynaldo Kuntz Bush e no ano seguinte abandonei os estudos para continuar trabalhando na construção civil, onde permaneci por 11 anos. Em 2003 retornei mais uma vez para os bancos escolares no Centro Estadual Supletivo Max Dada Gallizzi (CE-ESMAG) para finalizar o ensino médio.

Em 2004, ingressei no curso licenciatura em matemática na Universidade Paulista (UNIP) terminando-o em 2006. Acredito que o meu desejo de ser professor iniciou quando cursava o Ensino Fundamental II. Na 6ª série passei a estudar na mesma sala do meu irmão mais velho. Ele tinha uma dificuldade enorme para compreender e aprender alguns conteúdos ensinados, em especial, o aprendizado na área de matemática.

Naquela época, alguns professores, involuntariamente ou não, faziam comparações entre mim e ele durante as atividades, os trabalhos para nota e no fechamento bimestral. Isso fez com nos aproximássemos durante as aulas para realizarmos as tarefas escolares. Essa aproximação com o intuito de auxiliá-lo na compreensão dos conteúdos despertou em mim o desejo de ser professor. Em fevereiro de 2007, iniciei como professor eventual na E.E. Antonio Nunes Lopes da Silva em Praia Grande. No mês de maio do mesmo ano ingressei na rede municipal de ensino do mesmo município, atuando como professor do Ensino Fundamental II até 2012.

Durante minha experiência como professor, percebi a dificuldade de aprendizagem em alguns alunos, os quais me fizeram lembrar do tempo em que ajudava meu irmão. Na tentativa de ajudá-los a superar o desafio da aprendizagem, utilizei várias formas de ensino, desde o abstrato ao lúdico. Percebi, naquele momento, que os alunos aprendem em tempo, e maneiras diferentes. Concordo com Freire (2007) quando afirma que: “É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser práxis”. Algumas leituras me levaram a refletir sobre minha prática pedagógica, percebi que eu tinha motivos para ampliar o leque de maneiras de ensinar, não me prendendo somente às aulas expositivas.

A partir de 2013 me tornei Assistente Técnico Pedagógico (ATP) em uma escola municipal de 1º ao 9º ano com mais de 1.800 alunos. Observei que diante das dificuldades de aprendizagem dos alunos parte dos professores não demonstravam refletir sobre sua prática docente frente ao insucesso na aprendizagem. Passei a pensar, de que forma eu poderia contribuir para que houvesse uma reflexão sobre os resultados apresentados nas mais diversas formas de avaliação.

Por quase dois anos, após inúmeras discussões nos Horários de Trabalho Coletivo Pedagógico (HTPC) percebi que nos faltava maior conhecimento de como o aluno aprende e quais ações podiam levar alguns a vencer os obstáculos da aprendizagem. Então, resolvi fazer o curso Gestão para Aprendizagem, o qual contribuiu para eu entender melhor sobre os diferentes comportamentos dos professores nos momentos em que a aprendizagem não ocorre. A pouca ou falta de reflexão e de ação em relação ao ensino-aprendizagem começaram me incomodar. Os resultados, alguns inferiores ao esperado são

indicadores da necessidade de alteração na condução do trabalho. Nesse sentido, Falcão e Régnier (2000, p. 232) postulam que: “A informação que não pode ser diretamente visualizada a partir de uma massa de dados poderá sê-lo se tais dados sofrerem algum tipo de transformação que permita uma observação de outro ponto de vista”.

Em 2016, ao fazer parte do quadro de técnicos da Secretaria de Educação de Praia Grande, implantamos a AVA (Avaliação de Verificação de Aprendizagem), elaborada por professores e ATPs, composta por dez ou mais questões, sendo que cada uma, atende a um descritor de matemática das Matrizes de Referência da Anresc (Prova Brasil) / Aneb. Aplicada três vezes ao ano nos meses de março, agosto e novembro para os alunos do 5º, 7º e 9º ano. Acompanhando os resultados e a elaboração do plano de ação da AVA ficou evidente a necessidade de conhecimento dos conceitos dos descritores. Ao observar a falta de reflexão sobre os objetivos dos descritores das Matrizes de Referência da Prova Brasil no segundo semestre de 2019, ingressei no Programa de Mestrado - Práticas Docentes no Ensino Fundamental Modalidade Profissional a Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) para realizar uma pesquisa sobre a importância dos descritores e suas possíveis influências na prática dos professores de matemática do 9º ano por meio de discussões sobre o tema.

Diante disso, como resultado dessa pesquisa pretendo criar uma página dentro da Plataforma do Educador do município com modelos de intervenções pedagógicas composta de diversos jogos, atividades extraclases, atividades de leitura diferenciadas, gincanas etc. contemplando todos os descritores de matemática da Matriz de referência da Prova Brasil do 9º ano.

O processo para escrita deste presente memorial serviu para uma autoreflexão, movimento importante tanto para a vida profissional quanto para a pessoal. No caso do educador essas áreas são ainda mais interligadas, pois é a personalidade do docente que cativa e motiva os alunos no processo de aprendizagem. Como diz o poeta espanhol, “o caminho se faz ao caminhar” e nem sempre os trajetos são previamente planejados e as ações meticulosamente organizadas, mas ao longo da vida, por conta das circunstâncias, da maturidade, por exemplo as escolhas são tomadas, e por isso é ao olhar para trás, distante no tempo, depois de anos de caminhada que se consegue perceber um trajeto propriamente.

Sou nascido em São Bernardo do Campo em 1980, e resido na região da Baixada Santista há três décadas. Neto e bisneto de imigrantes, meus pais e avós se esforçaram em mostrar a importância do estudo para escapar do serviço pesado do comércio, da cozinha ou da lavoura de café como o que eles partilhavam. Assim, desde muito cedo fui incentivado a ler, inicialmente pelas histórias em quadrinhos, depois por meio dos clássicos juvenis, o importante era adquirir o gosto pela leitura.

Minha avó vivia dizendo que quem muito dorme pouco aprende e que a caneta é mais leve do que a enxada, meu padrinho sempre trazia um livro de presente quando nos visitava, a biblioteca do meu tio era um parque de diversões aberto para empréstimos de livros desde literatura até autoajuda, e a conta da banca de jornal para as HQs era liberada por meus pais. Desde cedo aprendi que não devia esperar que me “ensinassem”, mas buscar atingir meus objetivos, mesmo os intelectuais, por mim mesmo, acordando cedo, me esforçando, buscando os doces frutos por meio do amargor do estudo. Essa foi a principal lição que tive, e muito importante para “sobreviver” a todos os anos nas escolas públicas nas décadas de 80 e 90. Digo isso pois desde a educação infantil até o final do Ensino Médio cursei em escolas estaduais ou municipais, com a qualidade questionável típica do período, ainda que eu possa lembrar de heróicos professores que se esforçavam em fazer o seu melhor mesmo com falta de recursos.

Assim, complementando as falhas da formação por meio dos livros e revistas cheguei ao fim do ensino regular e precisava pensar na faculdade, sonho que minha mãe, mesmo com as dificuldades de uma quituteira que sustentava a família com seu artesanato e seus doces, fazia questão para os filhos. Talvez por conta dos anos como catequista e coordenador no grupo de jovens da Igreja, fiz a opção por cursar Filosofia pensando em ser professor. Contudo,

acabei por seguir o conselho da família e me inscrevi para o Direito, passando no vestibular e cursando a Universidade Católica de Santos.

No início estudava e ajudava minha mãe em suas produções no contraturno para pagar a faculdade, e a partir do terceiro ano consegui fazer estágio na área da advocacia. O temível exame da Ordem foi vencido por mim já na primeira tentativa, assim logo depois de formado dividi escritório com um amigo da faculdade.

Depois de formado advoguei por cinco anos na área civil e trabalhista. Mas, insatisfeito com a profissão, no ano em que viria a me casar, decidi buscar o antigo projeto de lecionar e me inscrevi para o curso de História.

A ideia inicial era ser professor por um período e manter a advocacia no outro. A partir do segundo ano, pela quantidade de aulas de filosofia no curso de Direito, me inscrevi como professor eventual numa escola estadual de Praia Grande. Assim lecionava de manhã e à tarde advogava, mas já na certeza de que a docência era o caminho que devia seguir. Foi quando, no terceiro ano da faculdade recebi o convite para estagiar na Fundação Arquivo e Memória de Santos, instituição que cuida do acervo histórico do município. Decidi, então deixar a advocacia, e me dividir entre as aulas pela manhã, o trabalho no arquivo histórico a tarde e a faculdade a noite.

Neste mesmo ano, seguindo o incentivo de uma professora da área pedagógica, a professora Marina, comecei a participar de um embrionário grupo estudos, que hoje é Grupo Interdisciplinar de Estudos Culturais de Santos, com o objetivo dar continuidade aos estudos após a faculdade e fazer o Mestrado. A área escolhida foi a Educação, mais especificamente a História da Educação, e o pouco tempo livre era dedicado a leituras e pesquisas para a Iniciação Científica e o grupo de estudos.

Foi esse trabalho com a Professora Marina, e as pesquisa e leituras para a Iniciação Científica, que possibilitaram a visita a um grupo de pesquisa na Universidade de São Paulo, o NIEPHE. Acendeu ali o sonho, até então inatingível, de fazer parte do grupo de alunos da USP.

No ano seguinte a formatura eu já tinha sido aprovado no concurso de professor para a Prefeitura de Praia Grande. Continuava dando aulas de filosofia e sociologia como professor eventual no Estado e em escolas particulares, e no tempo livre estudava para tentar o Mestrado. Neste mesmo ano, aprovado em outro concurso, deixei Praia Grande para lecionar em São Vicente.

O processo seletivo na USP exigia cinco fases, com prova de proficiência em língua estrangeira, análise do currículo, projeto de pesquisa, prova escrita e entrevista. Na primeira tentativa fui reprovado ainda na primeira fase. Mas

tentei novamente no ano seguinte e conquistei etapa por etapa até ser aceito como aluno. O sonho se tornava realidade, mas a realidade é dura e conquistada com muito esforço.

Dei continuidade as pesquisas da graduação utilizando como fonte principal fundo documental com o qual trabalhei durante o estágio, assim meu tema foi Educação durante o início da República em Santos, por meio da legislação e dos documentos oficiais.

Como a lei tem suas particularidades e os interesses dos administradores nem sempre são claros, não consegui licença na prefeitura de São Vicente e precisei conciliar as aulas nas escolas municipais com a participação nas disciplinas do Mestrado em São Paulo e a pesquisa para a Dissertação. Não existia tempo livre, e as leituras se davam entre uma turma e outra, nos intervalos, no trajeto entre uma escola e outra, como era possível. Passou a ser comum estar de manhã na USP para assistir aulas e a tarde em São Vicente para lecionar. No segundo ano no Mestrado fui aprovado em outro concurso e voltei a lecionar no município de Praia Grande, deixando São Vicente e as aulas nas escolas Estaduais.

Conquistei o título de Mestre em Educação na Universidade de São Paulo, na linha de História da Educação e Historiografia. Durante o mestrado tive a oportunidade de participar do grupo de pesquisas, escrever artigos e participar de congressos nacionais e internacionais. No mesmo período preparava atividades e avaliações e lecionava para alunos do ensino fundamental e médio. A experiência da pós-graduação me trouxe muito conhecimento, a oportunidade de publicar capítulos em dois livros, organizar eventos acadêmicos, conhecer pesquisadores que eu só conhecia por livros, a ascender no plano de carreira da Prefeitura. Isso me ajudou a experienciar o que minha mãe sempre dizia: estudar é amargo, mas seus frutos são doces.

Mas, essa experiência de lecionar e cursar a pós-graduação, também me ajudou a crescer pessoalmente e profissionalmente, ao vivenciar que nada se constrói sem esforço e dedicação, que é preciso priorizar o que realmente importa e encontrar tempo para a família entre as atividades docentes e de pesquisa, que precisamos buscar o ser humano por trás do papel, a vida além da burocracia. É essa ideia que sempre procurei transmitir a meus alunos e atualmente transmito aos professores, por estar na função de Assistente Técnico Pedagógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos pessoais e profissionais das trajetórias acadêmicas apresentados buscaram incentivar os Professores do município de Praia Grande a continuar aprimorando seus conhecimentos. Os presentes Memoriais de Formação apresentam diferentes experiências e trajetórias que possibilitam compreender que não existe só um caminho a trilhar e sim um universo de possibilidades que pode ser conquistado por cada um de nós e o quanto as diferentes histórias contribuíram e contribuem em suas vidas profissional, refletindo no desenvolvimento dos alunos.

Como podemos ver, especialmente por meio dos relatos dos professores do presente grupo, há diferentes formas de seguir o caminho profissional e de estudos a depender das características pessoais e da vida de cada profissional. Nem sempre há um caminho pré-determinado, mas as ocasiões vão aparecendo e as escolhas sendo feitas caso a caso, enfrentando as dificuldades particulares, visando a conquista que cada autor busca.

Ortega y Gasset ensinava que “eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela, não me salvo a mim”. Isso fica claro ao perceber que cada um dos autores teve um trajeto diferente, mesmo tendo pontos e comuns. As dificuldades, as oportunidades, os objetos de pesquisas, as instituições de pós-graduação, são diversas. Em comum trazem o amor pelo outro e pela educação, acreditando que é por meio da autoformação e aperfeiçoamento pessoal que poderão doar mais de si e contribuir para a formação dos alunos, jovens e professores, para construir um futuro melhor em nosso município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FALCÃO, J. T. da R.; RÉGNIER, J. Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 81, n. 198, p. 229-243, maio./ago. 2000.
- FREIRE, P. O compromisso do profissional com a sociedade. In: _____. *Educação e Mudança*. São Paulo. Paz e Terra, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GASSET, J. O. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Vide Editorial, 2019.
- MIRAS, Mariana. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In: Coll, César e outros. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Na docência, entendo como fundamental o compromisso com a formação continuada, atrelado ao desenvolvimento profissional e pessoal. Um professor engajado e ativo é naturalmente um pesquisador, buscando formação de excelência e práticas que se adequem às reais necessidades de seus alunos.

“A responsabilidade ética, política e profissional do docente lhe coloca o dever de se preparar, de se capacitar, de se formar antes mesmo de iniciar sua atividade docente. Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer formação permanente do docente. Formação que se funda na análise crítica de sua prática.”

(FREIRE, 2003, p. 28).

Após dez anos de experiência profissional na educação, posso notar a importância de uma formação acadêmica sólida, assim como, a necessidade de uma formação contínua, pautada na análise crítica da prática, de acordo com os novos paradigmas que se estabelecem no ensino e as novas realidades sociais e profissionais que se colocam. Trabalhar com educação é um desafio constante, onde cada profissional estabelece suas metas e seu percurso. A minha trajetória se inicia ainda na infância, observando minha mãe, professora do Ensino Fundamental I, e sua dedicação ao trabalho. Cresci com a perspectiva de uma carreira profissional na educação. Iniciei minha trajetória acadêmica, aos dezessete anos, em 2006, ao ingressar no curso de História da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis. Dessa forma, mudei de cidade, pois sou natural de Sorocaba/SP, mudei de perspectivas e me aprofundei nos estudos históricos, teóricos e metodológicos, com foco para a pesquisa.

No primeiro ano da graduação, iniciei as leituras que me levariam ao projeto de pesquisa, obtive a orientação do Professor Doutor Milton Carlos Costa, o qual me orientou durante a graduação e, oficialmente, na pós-graduação. Direcionei meus estudos para história política do Brasil no século XX, até chegar ao meu objeto de pesquisa específico que é cultura política brasileira. Nessa caminhada, as orientações do Prof. Milton foram fundamentais, assim como, o empenho à bibliografia, leituras e fichamentos, em consonância com as atribuições da graduação. Em 2009, concluí o curso de História, e em 2010, ingressei na pós-graduação “*stricto sensu*”, Mestrado no programa do Departamento de História na UNESP/Assis. O processo seletivo para o ingresso no Mestrado, na época, contava com prova de língua estrangeira, prova específica, análise do projeto de pesquisa e entrevista. O mesmo teve duração de seis meses.

A minha linha de pesquisa é Identidades culturais, etnicidades, migrações, utilizei como metodologia a análise da cultura política brasileira, com ênfase na década de 1920, tendo como foco a vida e a obra de um intelectual brasileiro ligado ao movimento comunista. O período do mestrado foi muito rico culturalmente e academicamente, participei de Congressos em universidades pelo país, entrei em contato com estudantes de outras universidades que estudam a mesma temática, conheci professores universitários de outras instituições que estudaram o tema e me auxiliaram na definição teórica e metodológica da dissertação. A defesa ocorreu em março de 2013, onde recebi um convite do Professor Doutor Ângelo Priori (UEM) para realizar o desdobramento desta pesquisa inicial, e trilhar um doutorado.

Na época, havia passado no concurso para professor de História na Praia Grande, e acabei optando pela experiência profissional. Defendo a universidade pública, como forma de acesso ao meio universitário de excelência, à pesquisa e seus desdobramentos, mas sentia a necessidade de lecionar e conhecer na prática a realidade do ensino público brasileiro. Iniciei a docência, em 2010, em instituições privada e estadual, porém por pouco tempo. Em 2013, assumi o cargo em Praia Grande, onde tive a oportunidade de crescer e amadurecer profissionalmente, ao longo dos anos, onde realizei projetos ligados à cultura, com foco para arte e música. Acredito que a escola tem um importante papel ao trabalhar com arte e cultura, pois muitos alunos não têm acesso à diversidade cultural no ambiente familiar e social. Lecionei em contextos diversos, no ensino fundamental II e na EJA.

Em 2018, assumi o cargo de Assistente técnica pedagógica, na coordenação de uma escola de ensino fundamental I e II. Iniciei um novo caminho, com muitos desafios e possibilidades. O trabalho parte do diálogo com a equipe gestora e docente, refletindo constantemente sobre as práticas e metodologias adotadas. Em 2019, iniciei a graduação em Pedagogia, pois ao longo desses anos em sala de aula, sentia a necessidade de um conhecimento teórico-metodológico mais aprofundado. No mesmo ano, ingressei em um grupo de estudos de gênero no departamento de História da USP (Universidade de São Paulo), assim, pretendo dar continuidade à minha formação acadêmica, com uma análise no cruzamento da História e da Educação.

Referências:

DI GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini et. all. Necessidades formativas de professores de redes municipais: contribuições para a formação de professores crítico-reflexivos. SP: Cultura Acadêmica, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia dos sonhos possíveis. SP: Editora UNESP, 2001b.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 14ª ed. SP: Editora Olho d'Água. 2003

GATTI, B. A. e BARRETO, E. S. de Sá (coord.). Professores do Brasil: impasses e

QUEM QUER FAZER ARTE?

Transformação do cotidiano significa aqui a descoberta de um agir que não é o mero esquecer-se nas ocupações, o perder-se nos hábitos já cristalizados. Um agir renovado que começa na mudança de qualidade da própria. Um perceber que não decodifica o mundo sentido de sustentar o agir mecânico ou apenas funcional. Uma abertura que sustenta o momento de espanto e admiração diante daquilo que surge, que passa, que desaparece. Um olhar que não quer prender as coisas numa representação que as fixa, não evita a impermanência dos fenômenos e possibilita a apreensão poética dos acontecimentos. (Cassiano Sydow Quilici)

Brincar de professor todo mundo brinca. Eu tinha lousa e alunos, inclusive. Mas a Arte estava em mim desde muito cedo, nos filmes clássicos que nunca perdi nas madrugadas, na música, nas peças teatrais e em eventos culturais que organizava na escola onde estudei por oito anos. Também amante da moda e da fotografia, depois de ter sido office-boy, bancário e assistente administrativo em um escritório de advocacia, aos dezesseis anos fui procurar a Arte Dramática sem nunca ter ido ao teatro. Diziam que eu era um ótimo ator, mas ótimos atores também pagam contas.

Então trabalhei por sete anos, nas madrugadas, em um escritório de informática, enquanto fazia peças para ganhar quase nada, ou nada. Fiz muitos bicos. Tive catapora aos dezoito anos ensaiando Nelson Rodrigues. Minha estreia no teatro amador se deu na malandragem de Chico Buarque. A profissional foi com um texto do Augusto Boal. Estive em processo criativo com o Teatro da Vertigem. Virei secretário/assessor de imprensa de gente famosa. Dirigi um curta na internet para o Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo. Fiz figuração em publicidades. Fiz alguns testes. Participei algumas vezes das Satyrianas, como ator e diretor. Fiz um book. Fui o Pateta em festa infantil. Também fui o Papai Noel em confraternização de empresas no centro de São Paulo. Trabalhei em produtora de eventos e agência de modelos. Fiz teatro-escola.

Conheci a Hebe Camargo no Copacabana Palace. Escrevi “Mas você disse que era pra mim?” e “Eu escolheria receber bocejos a receber vaias”, peças que tratam da solidão e vasculham coxias, camarins, sets de filmagens, e quartos escuros e que nunca foram montadas. Dirigi uma peça do Caio Fernando Abreu e fui DJ. Viajei com gente do BBB. Atuei num filme B gaúcho. Fui dirigido por um diretor alemão. Fiz Shakespeare e Shepard na escola de teatro

e fui sócio de uma festa burlesca na Vila Mariana.

O “rumo na vida” veio tarde, no ano de 2003, quando ingressei na Faculdade Oswaldo Cruz. Fui cursar licenciatura em Letras, apenas pelas literaturas e pela língua inglesa. Aquela que fingia falar quando era adolescente, lá nas quebradas da zona norte de São Paulo.

Foi em 2009 que prestei concurso na cidade de Praia Grande, assumindo o cargo de professor de Língua Inglesa. Em 2010 segui com a especialização em Língua Inglesa na UNIP, todos os sábados, por dois anos. Minha monografia tratou da vilania. Ao mesmo tempo me tornei sócio de baladas em São Paulo, assessorei teatro e atores de teatro. Morei um mês em Malta, onde fiz intercâmbio. Não gostei. Preferi minhas fugas à Itália: Veneza, Roma e Sicília, especialmente.

Em 2013 fui aprovado para a função de coordenador pedagógico. Desde o meu ingresso na educação, percebo o descontentamento por grande parte dos professores e pouco investimento e importância por parte das gestões em relação ao componente curricular Arte, e nunca consegui ser conivente com o cenário apresentado, fazendo inúmeras interferências artísticas nas unidades escolares pelas quais passei, mesmo ministrando aulas de Língua Inglesa e na coordenação pedagógica.

Como acredito na Arte como agente transformador, aquele que suspende, agita, para então transformar, relembro aqui a citação da poeta e artista plástica Patrícia Burrowes sobre a obra *Mistério de Ariadne* segundo Nietzsche, do filósofo Gilles Deleuze que muito significa para esta dissertação, meu playground onde habita meu labirinto, que acredito também será transformado. Na transformação de Deleuze, Ariadne, que abandonada por Teseu, vive uma morte. Ela poderia se enforcar no fio. Mas encontra Dionísio, o touro, o artista criador: O labirinto já não é mais o da morte e da vingança, mas de música: o canto da terra que acolhe, dissolve, transmuta. (BURROWES, 1999:88)

Assim, no segundo semestre do ano de 2018, com o intuito de aprofundar meus estudos das práticas docentes em Arte, ingressei no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) na Universidade Nove de Julho (Uninove), compondo a linha de pesquisa e Intervenção em Metodologias da Aprendizagem e Práticas de Ensino (Limape).

A temática da presente pesquisa está voltada para a análise do componente curricular Arte por meio de práticas docentes. Em sua primeira parte, abordará o papel fundamental do facilitador, do professor, do docente. De incontestável relevância, quais as consequências de uma despotencialização em quem conduz o playground? O filósofo francês Gilles Deleuze e o ator e poeta Antonin Artaud em suas discussões sobre vida e Arte, trazem para esta dissertação conflituosas possibilidades de se observar potências e a ausência delas.

Na segunda parte, além de observações, coleta de dados e apontamentos resultantes do trabalho em campo, realizados no ano de 2019 com o intuito de acompanhar a prática de duas professoras de Arte no exercício de suas

funções em seus 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II, serão analisadas as entrevistas realizadas também no mesmo período, com sete professores em exercício das redes públicas estaduais e municipais de Praia Grande, que também atuam em outras cidades da Baixada Santista, bem como quatro discentes dos 6º e 7º anos. Foram aproximadamente quatro horas de entrevistas.

A terceira e última parte apresenta possibilidades de fazeres artístico-pedagógicos, inclusive interdisciplinares, em realidades geográficas e sociais distintas. São experiências que começaram a surgir em 2010 e seguem até 2019, narrando uma trajetória de criação, colaboração, reflexão e espaço adquirido. De um tímido projeto musical (“Vai um som aí?”), até um evento anual consagrado (“Semanas Temáticas”) inserido no Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade escolar onde o pesquisador atua até o presente momento, percebem-se significativas e incansáveis tentativas de conduzir os playgrounds, que assim observamos nossas salas de aulas.

Até porque fazer Arte não é fazer “recreação infantil”, em especial no âmbito escolar. Artistas, obras, conceitos e vivências não são “brinquedos”. Docentes e discentes também não os são. Ou assim é, se lhe parece? Sendo assim, e aqui como explícita provocação, a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) publicou sete documentos que trazem orientações para proporcionar a segurança de balanços, escorregadores, gangorras, carrosséis, entre outros brinquedos instalados em escolas, creches e áreas de lazer. Por exemplo: que durante a inspeção dos brinquedos é obrigatório verificar se há parafusos soltos, presença de ferrugem em brinquedos (...), se há parafusos sem proteção, manutenção dos espaços do brinquedo, partes com tinta solta, tudo isso contribui para dar mais segurança, bem como para a durabilidade.

Alerta ainda que a manutenção sempre deve ser preventiva, sendo necessária a verificação de parafusos, encaixes, apertos e se os brinquedos estão chumbados de maneira adequada. E mais: qualquer defeito no brinquedo deve ser comunicado ao zelador ou ao corpo diretivo; além das interdições dos mesmos que deverão ser imediatas até a correção do problema. A durabilidade dos brinquedos varia conforme o material. (BARUCCO, 2012)

Nesta perspectiva, pretendeu-se caminhar pelas salas de aulas, pelos playgrounds para então observarmos cenários e mais especificamente, seus professores. Não há subsídios? É de todo desolador? Não há interesse discente? Quem quer fazer Arte? Quem quer lecionar? O balanço, o escorregador, a gangorra, o labirinto, o túnel, a escalada, a piscina de bolinhas... Metaforicamente, todos estes “brinquedos” estão lá, no ambiente escolar. Quem quer brincar de fazer Arte? Porque acima de tudo, até para brincar de fazer Arte é preciso estar disposto, é preciso sentir para então fazer sentir. Pulsar.

Por conseguinte, partindo do que está solto, do que deve ser inspecionado regularmente, do que precisa ser ajustado, reparado, encaixado, apertado, chumbado, corrigido, para que haja mais durabilidade, sem a camada da

ferrugem, sem a tinta que se solta, para que se possa estar protegido e mantido, na educação e, além disso, com Arte, iniciamos o primeiro capítulo com grandezas: a de Artaud, que é louca e sã, e a de Deleuze, que vai muito além de tudo que é convencional. Nada mais justo.

ARTAUD, A. A perda de si: Cartas de Antonin Artaud. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

----- . Linguagem e Vida. São Paulo: Perspectiva, 2011.

----- . O Suicida da sociedade. São Paulo: José Olympio, 2003.

BARUCCO, P. Normas garantem a segurança para playgrounds. Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), 2012. Disponível em <<http://www.abnt.org.br/noticias/3562-normas-garantem-a-seguranca-para-playgrounds>> Acesso em: 06 jan. 2020.

BURROWES, P. O Universo Segundo Artur Bispo Do Rosário. São Paulo: FGV, 1999. 104

DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Crítica e clínica. São Paulo: 34, 1996.

----- . Mil Platôs (volume 3). São Paulo: 34, 1996.

----- . O que é a filosofia? São Paulo: 34, 1992.

DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

QUILICI, C.S. O Ator-Performer e as poéticas da transformação de si. São Paulo: Annablume, 2015.

WILLER. C. Escritos de Antonin Artaud. Porto Alegre: L&PM, 1986.

ZOURABICHVILI, F. O Vocabulário de Deleuze. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

Nasci em Ipatinga, Minas Gerais, e me mudei para Santos, São Paulo em 1994, com 11 anos. Muito incentivada pelos meus pais, que me proporcionaram uma sólida base escolar, sempre me dediquei aos estudos sonhando ingressar em uma universidade pública.

Escolhi o curso de Ciências Biológicas, pela paixão de infância e adolescência de trabalhar com a preservação de animais. Mas não foi dessa vez que ingressei em uma instituição pública. Segui meu curso, mais uma vez com apoio e auxílio dos meus pais. Durante minha faculdade, ganhei bolsa de monitoria em laboratório de genética e participei do Programa de Estágio Remunerado da Prefeitura de Santos, que selecionava os alunos de acordo com as notas do primeiro ano de curso. E assim comecei meu estágio no Aquário Municipal de Santos, onde trabalhei por 3 anos. Ali, o mundo marinho me conquistou, e antes mesmo de acabar meu curso de graduação comecei a me informar sobre programas de Mestrado.

Conversando com professores e colegas da área, descobri que o Instituto de Pesca, vinculado à Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, e sediado no Museu de Pesca de Santos, realizava curso de Mestrado e Doutorado, na área de Aquicultura e Pesca. A área em si não era exatamente o meu interesse, pois eu queria algo que envolvesse os animais marinhos, mas também a educação. Mas fui curiosa me informar sobre como entrar. Me apresentei aos orientadores que eu sabia que estavam desenvolvendo grandes projetos de pesquisa e conversei sobre as possibilidades de fazer parte desses projetos. Em dezembro de 2006 concluí minha graduação, e em janeiro de 2007, seguindo as instruções do corpo docente do Instituto de Pesca, apresentei um projeto de pesquisa dentro da área que tinham necessidade – Estudo dos mexilhões na Baía de Santos. Meu projeto foi aprovado e então começaram os estudos para a prova de proficiência em língua inglesa e de conteúdo específicos. Quando fui aprovada, ainda em dúvida sobre o tema, resolvi me dedicar ao projeto e a essa nova etapa de estudo, criando o meu próprio tema de pesquisa – Estudo socioambiental do mexilhão Perna perna na baía de Santos. O Instituto de Pesca, em parceria com o Instituto de Biociências da USP, é uma instituição pública, e isso contribuiu muito para minha decisão de abraçar e me dedicar ao máximo a esse mestrado. Vi como uma oportunidade de aprimorar meus conhecimentos, de enriquecer meu currículo de recém-formada e de ingressar na vida acadêmica, sem os custos de um mestrado particular e com uma instituição renomada.

Foi no final do primeiro ano de mestrado, em dezembro de 2007 que fui chamada para assumir o cargo de professora de Ciências na Prefeitura de Praia

Grande. Eu havia prestado o concurso ainda na faculdade, em 2005, e nem contava mais com essa possibilidade. Mas não recusei, e iniciei minha carreira de professora de fundamental junto com o Mestrado. Em 2009 fui para a Coordenadoria de Educação Ambiental, como professora e segui com um aperfeiçoamento em Educação Ambiental entre outros cursos na área. Concluí meu Mestrado em junho de 2009. Mas devido a diversas alterações que tive que fazer na minha tese final, e a demora para obter meu certificado, obtive meu diploma somente em 2011. Em julho de 2013 fui aprovada para a função de Assistente Técnica Pedagógica.

Meus estudos de mestrado acabaram não sendo aplicados diretamente na minha vida profissional. Nunca exerci nada profissional em relação a pesca. Mas o curso de mestrado me proporcionou o conhecimento da pesquisa de forma mais acentuada, além de trazer uma bagagem das problemáticas ambientais que contribuíram muito para minha participação efetiva na elaboração de projetos e atividades para as escolas, através da Educação Ambiental.

Introdução

Há muito tempo, na área da Educação, fala-se sobre a qualidade da Educação Básica como algo que apresenta altíssimo nível de complexidade, visto não ser um quesito simples de se mensurar. No entanto, há alguns fatores que podem ser observados, a fim de auxiliar-nos nesta questão. Mudanças na estrutura física das escolas, garantindo permanência e acesso a todos; implementação de recursos tecnológicos, sinais de internet, laboratórios, recursos multimídia; melhor remuneração dos docentes e organicidade do trabalho pedagógico, livros, materiais de apoio, projetos; investimento diretamente no professor com cursos de formação, especializações, palestras, incentivos. Tratar cada um destes temas relacionados à qualidade separadamente é uma tarefa importante e ao mesmo tempo árdua. Quem sabe essa pequena lista que apresentamos como introdução sirva de inspiração aos leitores para um futuro trabalho acadêmico em nível de mestrado, que tenha por objetivo contribuir para se aumentar o nível de qualidade da educação brasileira. Tendo essa finalidade em mente, e mais especificamente no que diz respeito ao aperfeiçoamento da formação docente, apresentamos este texto para trazer à memória experiências, comentários e considerações que ocorreram durante o evento intitulado “Simpósio de Educação” realizado pela Secretaria de Educação da cidade de Praia Grande na Jornada Pedagógica, que acontece todos os anos depois da quarta-feira de cinzas. Nesse encontro, vários educadores da rede municipal escolhem palestras e minicursos, com objetivo de trocar experiências, ou simplesmente refletir sobre a educação e suas práticas pedagógicas.

Em 2020, a finalidade do Simpósio de Educação foi socializar experiências específicas sobre programas de pós-graduação stricto sensu. Para isso, alguns

dos professores que possuem esta formação e são pertencentes ao quadro da SEDUC foram convidados a participar, contando seu testemunho, seus desafios e conquistas, incluindo detalhes de como alcançar mais essa etapa de formação docente. Trata-se de um estímulo para os demais docentes da rede também realizarem os cursos de mestrado e doutorado.

O evento foi dividido em diversas seções, nas quais de três a cinco professores compartilhavam como foram suas trajetórias em busca da titulação. Nossa sala foi composta pelas professoras: Michelle Cristiane Souza Benício, de Ciências, Patrícia Regiane da Silva Furlaneto, de Educação Física, Sarah Bento dos Santos Silva, de Língua Portuguesa, e Valéria Carboni, de Pedagogia e Marta Maria Silva. Descrever os momentos do evento não seria possível sem retratar um pouco das experiências de cada uma das professoras, por isso, o texto a seguir será subdividido em etapas encabeçadas por questões levantadas no decorrer das apresentações, que ajudaram a aclarar aos expectadores as possibilidades para trilhar a caminhada da pós-graduação *stricto sensu*. As considerações apresentadas a seguir são visões pessoais das educadoras, baseadas em suas áreas de formação, concepção de mundo, experiências de vida, reunidas em torno do mesmo objetivo: vencer cada etapa da trajetória que conduz à conclusão do curso de mestrado.

Etapa 1: Projeto de pesquisa

Para caminhar em cada uma destas etapas, vamos abordar inicialmente o processo seletivo, para o qual é necessário desenvolver um Projeto de Pesquisa. A ideia é a de se apresentar uma proposta de investigação, para dar origem a um estudo aprofundado. Como ele nasce? Como encontrar um problema de pesquisa?

Projetos geralmente nascem de uma inquietação, uma situação problema e uma observação vivenciada diariamente dentro ou fora da escola. A elaboração de um projeto de pesquisa perpassa várias fases: título, introdução, justificativa, relevância, tema, problema, hipóteses, objetivo, procedimentos, referencial teórico. Todos esses tópicos são por si só complexos de serem desenvolvidos, contudo, são primordiais para delimitar o que realmente queremos estudar. Nesse sentido, refletir criticamente sobre a educação é condição *sine qua non* para iniciar uma investigação.

A professora Michelle Benício, bióloga e atuante em laboratórios de pesquisas específicas da área, apenas deu continuidade à rota que já desenvolvia na graduação, seguindo o tema da educação ambiental com estudos técnicos, que tratavam da reconstrução ambiental baseada no registro fóssil de algas diatomáceas. Pela descrição de seu tema é possível notar a complexidade e a especificidade da área.

A professora Patrícia Furlaneto, da área de Educação Física, realizava momentos de leitura com os alunos do fundamental II até que um aluno surdo apare-

ceu nas aulas e trouxe alguns desafios de comunicação. Buscar vencer esse desafio desencadeou o problema de pesquisa que ela desenvolveu no curso de mestrado.

A professora Valéria Carboni, pedagoga e atuante na área de inclusão de alunos com deficiência, relata que tinha uma certa inquietação relacionada à diferença entre a escrita dos alunos surdos e dos ouvintes, que possui especificidades e muitas particularidades. Esse sempre foi um ponto a ser estudado em sua trajetória de formação. Especialmente, com o objetivo de minimizar as dificuldades de letramento, considerando as estratégias na fase de alfabetização. Quando surgiu a possibilidade de cursar o mestrado, foi exatamente nessa linha de raciocínio de pesquisa que ela ingressou.

A professora Sarah Bento conta em seu testemunho que sua percepção sobre aprendizagem mudou quando sua professora de Língua Portuguesa, no ensino fundamental, propôs que os alunos escrevessem um livrinho, a fim de que desenvolvessem o hábito da leitura e da escrita. A partir dessa proposta, o movimento de leitura e escrita tornaram-se interligados para ela. Ao trazer essa questão para o mestrado, percebeu que a proposta de sua professora trouxe ao campo a possibilidade de ela, como aluna, atuar como sujeito construtor do saber, de formar a favorecer sua atuação como produtora do conhecimento. Em conjunto com outros colegas da sala, com quem compartilhou seu texto, viram a oportunidade de construção conjunta de saberes. Assim, a partir de uma experiência que viveu quando pequena, na escola, a professora Sarah pôde compreender que essa abordagem de leitura proporciona aos alunos um processo de poder atuar como sujeito sócio-histórico-cultural.

Etapa 2: Teste de língua estrangeira

A próxima etapa que descreveremos diz respeito a uma das perguntas mais frequentes sobre o processo de seleção do curso de mestrado ou doutorado, o teste da língua estrangeira. Qual língua? Como é o teste? E se reprovar? Todos estes questionamentos são considerados desafios que fazem muitos profissionais repensarem seu ingresso no mestrado.

Testes na língua inglesa, francesa e espanhola são os mais comuns, contudo, encontramos outras opções nas instituições superiores. O maior desafio é ler um texto e demonstrar compreensão dele. Algumas instituições usam o teste como parte do processo de seleção, outras administram as provas de língua estrangeira no decorrer do curso. Importante ressaltar que os interessados no mestrado precisam mostrar proficiência de leitura em uma língua estrangeira e no doutorado, em duas, considerando a já realizada no mestrado.

As experiências nessa fase foram resolvidas de formas diferentes. As professoras Carboni e Furlaneto escolheram a língua espanhola. A primeira estudou por meio de um aplicativo, a fim de não gastar com outros cursos. A segunda

frequentou durante seis meses um curso de baixo custo de espanhol básico, aos sábados, e incluiu na rotina leituras de textos na área da educação na língua espanhola, para habituar-se ao vocabulário.

Para a professora Benicio, o teste de língua estrangeira consistiu em uma dissertação na língua inglesa acerca do tema proposto e alguns questionamentos sobre a área escolhida para pesquisa. Ela atribui seu êxito ao fato de ter feito diversos cursos de línguas estrangeiras durante a fase escolar e ao conhecimento de termos técnicos aprofundados na graduação.

A professora Bento, formada em Letras: Português/Inglês, sempre foi interessada por estudar línguas. Durante a graduação, estudou Inglês, Espanhol, Francês e Latim. Por isso, a prova de língua estrangeira não foi uma etapa difícil de ser vencida, uma vez que a docente havia dado continuidade aos estudos de língua estrangeira em outras instituições.

Etapa 3: Trabalho versus estudos

Na etapa a seguir, vamos abordar dois grandes eixos bastante complexos, o trabalho e o estudo, quais estratégias utilizadas para conciliá-los? Muitos professores presentes na apresentação demonstraram preocupações com este tema, alguns esboçaram dúvidas sobre a necessidade de dedicação exclusiva ao curso. Como articular esta dedicação ao estudo na rotina e na realidade vivenciada pela maioria do professorado atualmente, que trabalha em dois ou três períodos e em mais de uma unidade de ensino?

Segundo a professora Furlaneto, a disciplina e organização são primordiais para o sucesso nos estudos. A carga de leituras, escritas, trabalhos, seminários e encontros são vultosos. Por isso, trabalhar e estudar concomitantemente requer muita organização de horários, planejamento e muita disciplina para cumprir paulatinamente cada pequena meta. Com dois registros funcionais na rede, suas estratégias foram trabalhar muito enquanto estava na escola, tentar fazer tudo no local do trabalho, levar o mínimo possível para casa, diminuir as horas de sono, e estudar muito aos finais de semana. Aplicativos de leitura em voz alta (text aloud) para serem utilizados durante os trajetos entre casa, trabalho e universidade também lhe foram muito úteis.

Para Carboni, a dedicação deve ser diária, após os períodos de trabalho na escola, especialmente aos finais de semana, mergulhando em leituras de dissertações, artigos, teses e livros sobre o assunto.

Benicio afirma que conseguiu conciliar trabalho e estudo, pois contava com apoio incondicional de familiares, algo fundamental ao longo da trajetória de estudos no stricto sensu.

Segundo a professora Bento, a rotina entre trabalho e estudo foi superada pela fé em Deus e com a ampla colaboração da família, que agiu como parceira nos momentos de angústia, sofrimento e dor. Para ela, as orações foram valiosas aliadas para alcançar o título de mestre.

Etapa 4: Investimentos

A etapa investimentos no curso de pós-graduação stricto sensu também foi alvo de grandes questionamentos. Uma vez que os custos são altos, a questão é como vencer esta barreira? As professoras relatam que recorreram a empréstimos, bolsa de estudos, planejamento econômico e plano de investimentos voltado para o curso. Essas são apenas algumas das opções que podem ser utilizadas. O importante é organizar-se para concretizar esta etapa tão complexa e que requer muita preparação.

Os cursos de mestrado e doutorado no Brasil pressupõem elevados graus de investimentos. A docente Furlaneto fez um empréstimo para pagar o primeiro semestre do curso numa universidade particular. Segundo ela, é necessário planejamento em longo prazo, visto que o mestrado e o doutorado duram 24 e 48 meses, respectivamente, e as mensalidades variam entre dois e quatro salários mínimos. Depois do empréstimo, ela teve êxito no processo seletivo para bolsa de estudos e foi contemplada no 5º mês de curso, o que foi determinante para sua conclusão sem a preocupação dos custos que passaram a ser cobertos pela bolsa CAPES.

A docente Benício conta que teve uma boa colocação no processo seletivo. Isso proporcionou uma bolsa de estudos de 50%. Além disso, contou com o apoio familiar na divisão das despesas da casa.

Carboni, que já almejava o mestrado como um sonho antigo, fez algumas economias para que pudesse estudar por dois anos e continua se abstendo de gastos extras até a conclusão do curso.

Para poder cumprir essa jornada, a professora Bento já havia programado o investimento financeiro antecipadamente, com recursos que haviam sido aplicados durante muitos anos. Ainda, durante esse período, muitas atividades sociais deixaram de ser realizadas, para que fosse concretizado desse sonho.

Etapa 5: desafios e dificuldades superados

Nesta última etapa, compartilhamos quais foram as maiores dificuldades vivenciadas no decorrer do curso, nossa organização, nossos desafios e como conseguimos superar os entraves que paulatinamente foram surgindo. Obviamente, numa caminhada de dois a três anos, há muito o que contar. No entanto, vamos citar apenas os pontos mais marcantes.

A organização para as leituras e grupos de estudos é essencial, uma vez que, nesse nível de formação é necessário ler além das entrelinhas, duvidar dos conceitos que tínhamos, ampliar a visão sobre os assuntos da educação, averiguar pontos de vistas diferentes e muitas vezes contraditórios. Diariamente, fazemos escolhas difíceis quanto a nossas prioridades e adequações quanto

à dedicação aos estudos. Também tivemos momentos de dúvidas quanto as nossas capacidades para acompanhar o curso, impressão que foi deixada para trás, quando imergimos nas investigações de pesquisa.

A educadora Bento relata que o tempo e a distância entre a cidade de origem (Praia Grande) e o bairro de Perdizes, em São Paulo foram desafios que ela conseguiu superar pelo desejo de evoluir, não somente pela sua carreira, mas como ser humano, colaborando com o desenvolvimento de uma pesquisa alicerçada pelos conceitos da pesquisa crítica de colaboração.

A maior dificuldade são os prazos para leitura e escrita, participação nos artigos, cursos, colóquios, simpósios, congressos e seminários. Com a situação da pandemia em que vivemos no momento, não está sendo diferente, ou mesmo tem sido necessário mais rigor nas tarefas semanais, por serem aulas remotas. É o que compartilha a docente Carboni em suas experiências, ela que se encontra há seis meses da finalização do curso de mestrado.

A bióloga Benicio cita que as maiores dificuldades foram vencer a distância entre local de trabalho (Praia Grande), o da residência, a realização do mestrado (Guarulhos), e conciliar os horários de trabalho com os horários das disciplinas do curso, uma vez que precisava ser frequente às aulas da pós-graduação. Ela também enfatiza que o tema a ser seguido tem que estar bem alinhado entre orientador e aluno para evitar futuros contratempos.

Para a professora Furlaneto, o desafio de acompanhar a formação intelectual de um pesquisador foi sem dúvida um dos pontos marcantes, pois, demandava muita leitura e interpretação, descortinando conhecimentos consolidados outrora. Esse desafio foi vencido com uma carga elevada de leitura e discussões em grupo de estudos. Outra dificuldade apontada é o cumprimento de horários de trabalhos e estudos do curso, tem-se a impressão de não se ter tempo para mais nada, apenas trabalhar e estudar, o que pode gerar um distanciamento familiar momentâneo.

A Jornada Pedagógica acontece todos os anos, no Município de Praia Grande logo após a volta das férias escolares, onde é feito acolhimento com os professores e capacitações com temas de grande relevância para a prática dos professores, troca de experiências exitosas e convidados especiais. Esses encontros motivam e incentivam os professores a continuar a desenvolver um trabalho de qualidade, meta do Município, que acredita em um ensino público de qualidade.

Segundo Paulo Freire:

“O que importa na formação, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que ao ser educado, vai gerando coragem”. Diz Freire Paulo Pedagogia da Autonomia 1994.p.50

Os professores realizam inscrições de temas que acreditam ser do seu interesse e relevância para enriquecer a práxis, tivemos aproximadamente trinta inscrições para cada período, turmas manhã e tarde, onde tive o prazer de fazer a mediação com outros três colegas na sala.

Realizamos apresentação da trajetória profissional e acadêmica de cada um, em Power Point para deixar claro, a importância da formação profissional na vida de um educador, uma área onde a atualização se faz necessária a todos os momentos, pois a profissão e a sociedade nos cobram, a todos os momentos, nós também somos exigentes com os resultados, sempre estamos em buscar de respostas e aprimoramento.

Diz Isabel Alarcão:

“No Brasil, se faz sentir neste momento relativamente a essa abordagem de formação. Reafirma-se a necessidade da reflexão crítica, pelos professores, acentua-se a sua dimensão coletiva e não meramente individual, e apresenta-se um conjunto de estratégias de formação propiciadoras de desenvolvimento de educadores reflexivos”. pag. 11-Professores reflexivos em uma escola reflexiva.

Após relato de experiência da vida acadêmica e valorização da pesquisa para a qualidade da educação, foi feita uma roda de conversas, para que os professores fizessem perguntas sobre o processo de formação, foram feitas oficinas em dois períodos, manhã e tarde.

Com boa participação dos professores e vários questionamentos sobre o tema proposto, queriam saber se vale todo o sacrifício de trabalhar e conciliar a vida profissional, família e estudos.

Diz Isabel Alarcão:

“Para intervir, é preciso compreender. A educação, como muitos outros setores da vida em sociedade, está em crise. Importante analisar os contornos da crise, perceber os fatores que estão na sua gênese, congregar esforços e intervir sistematicamente e coerentemente. Pag.16 -Professores reflexivos em uma escola reflexiva.

Somos quatro Assistentes Técnicos Pedagógicos (ATPs), dois realizaram Mestrado em Universidades Públicas e dois em Universidades Privada, Mestrado acadêmico e profissional, foi explicado as diferenças e as etapas para ingresso na pesquisa científica e os objetivos de cada um, pois seguimos acreditando na educação e acreditando que a formação faz a diferença na vida profissional.

Minha tese é sobre a importância da Formação Docente, fui buscar no Mestrado argumentação teórica e científica, temos um grande desafio, pensar as capacitações necessárias para atualizar o professor do Século XXI, suprimindo as demandas apresentadas pelos alunos, sinalizando a necessidade de mudanças na forma de ensinar, não questiono o conhecimento técnico científico do professor, porém como fazer o aluno adquirir o conhecimento, em um cenário com tantas informações.

Diz Francisco Imbernón

“O domínio da formação deveser fazer parte da profissão, se os professores quiserem ser os protagonistas de sua formação e desenvolvimento profissional”. Pag. 80 Professores sujeitos de sua formação e com identidade docente. Como deixar a aprendizagem significativa e fazendo sentido na vida do aluno, para que possa motivá-lo a aprender e colocar em prática suas habilidades e competências, adquiridas na escola e na vida.

Diz Francisco Imbernón

“Considerar o desenvolvimento profissional, pessoal e institucional, mais além das práticas de formação e uni-los a fatores não formadores, mais sim laborais, supõe uma reconceituação importante, já que não se analisa a formação apenas com o domínio da disciplina e nem se centra nas características pessoais do professor”. Pág. 82 Professores sujeitos de sua formação e com identidade docente

Para que isso aconteça é necessário formação continuada, o profissional

necessita estar em constante atualização, para dar respostas as demandas sociais e educacionais, que o desafia diariamente no ambiente de trabalho, olha tudo o que essa mudança exige, rigorosidade metódica, pesquisa, criticidade da sua prática, risco de erro, aceitação do novo, reflexão crítica sobre a prática, consciência do inacabado, apreensão da realidade que por vezes é muito dura, curiosidade, a convicção de que a mudança é possível, pois crédito no ser humano e na educação, segurança, competência profissional, Comprometimento, tomada consciente de decisões, saber ouvir, a escuta qualificada pode possibilitar a mudança.

Diz Francisco Imbernón que:

“A formação deve levar em conta a formação individual e coletiva para ajudar, o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores no âmbito laboral e de melhoria das aprendizagens profissionais e para ajudar a analisar os sentimentos e as representações pelos quais os sujeitos se singularizam”. Pag. 81 Professores sujeitos de sua formação e com identidade docente.

Seguem abaixo questionamentos feitos pelos professores:

- A Secretaria de Educação tem um convênio com alguma Universidade pública ou privada para incentivar os professores a dar continuidade a formação?
- A realização de um Mestrado ou Doutorado em universidade privada, a Secretaria de Educação dará alguns incentivos financeiros ou ajuda de custo para universidades públicas fora do Município?
- A participação em congressos nacionais ou internacionais, seminários, publicações em revistas e artigos, que faz parte das atividades complementares no Mestrado e Doutorado tem incentivo financeiro e dispensas de dias para participação, por parte da Seduc?
- Como vocês conseguem organizar o trabalho com dupla jornada e os estudos, pesquisas, atividades complementares e os créditos?
- Quanto tempo a Secretaria de Educação leva para dispensar após solicitação de dispensa para realização das aulas, após a entrada no protocolo?
- Quais as documentações exigidas para solicitação de dispensa para realização do Mestrado e Doutorado, sem prejuízo dos vencimentos?
- Apesar de constar no plano de carreira o direito de dispensa ao professor com dedicação exclusiva, qual o motivo da demora, alguns tiveram que

entrar com um pedido com o número da lei?

- Quanto acrescenta nos vencimentos após conclusão do Mestrado e Doutorado?
- O que motiva vocês a continuarem estudando, em um cenário de desvalorização total dos professores, a sociedade e o sistema não reconhece todo esse sacrifício?

Conclusão

Apesar dos vários questionamentos, a maioria dos professores gostaria de continuar a estudar, porém a falta de oportunidades, tanto financeira como a sua dupla jornada de trabalho, necessário para a sua sobrevivência, prejudicam a realização de sonhos e continuidade de estudos.

É possível perceber a lucidez e reflexão permanente dos profissionais diante das suas dificuldades e limitações dentro do sistema educacional, a consciência que é necessário valorizar os saberes adquiridos com sua experiência em sala de aula.

A valorização profissional do corpo docente precisa contemplar salários, formação e carreira, fica explícito quando paramos para fazer uma troca de experiência profissional e escuta ativa dos desafios diários da vida escolar. Foi um dia muito produtivo, de trocas de experiências e questionamentos sobre a valorização profissional e a formação acadêmica.

Considerações Finais

Antes de iniciar um mestrado, faz-se necessário um levantamento financeiro considerando investimentos e gastos ao longo do curso. Além disso, aconselha-se fazer um esclarecimento amplo para toda a família, pois dentro do período total do curso haverá um afastamento do pesquisador de boa parte dos compromissos familiares para dedicar-se à dissertação, que se constrói um pouco a cada momento de estudos e coleta de dados.

Desistir não é uma opção, pois todos nós somos capazes. O caminho só se faz caminhando e isso é gratificante, enobrecer nosso conhecimento, traz maior clareza nas dúvidas e inquietações que se apresentam ao longo da trajetória profissional. Seguir em frente, um passo de cada vez, de olho no alvo.

Não se trata de esboçar uma fórmula mágica ou mesmo receita de bolo, não é nossa meta deixar transparecer uma visão simplista de organização e planejamento para a concretização deste nível de formação. É necessário perseverar no objetivo almejado, lutar a cada etapa, sair da zona de conforto gerada pela rotina diária. Engana-se quem acha que não vai surtar no caminho ou mesmo pensar em desistir. A dissertação é construída em meio a lágrimas e

dores. É fundamental nosso crescimento intelectual. Crescer dói, mas é primordial para sair mais forte e melhor preparado para as próximas etapas e é isso que nos torna profissionais mais assertivos na sala de aula, professores mais pensantes e menos conformados pelo cotidiano, mais inquietos com as rotinas, mais reflexivos com as situações adversas e, acima de tudo, sedentos pelo aprender, dispostos a fazer a diferença na vida de nossos alunos. Afinal, nós representamos um dos indicadores de qualidade da educação, portanto, é nossa responsabilidade conduzir o aluno na trajetória do saber. Acreditar que é possível ponderar as escolhas feitas diariamente e arriscar-se nos desafios do conhecimento são ferramentas imprescindíveis para o início da caminhada. No entanto, essencial é a fé, definida como aquilo que ainda não vemos, mas, no fundo, almejamos, esses valores pétreos aliados à força de vontade para alcançar muitos alvos, dentre eles, o título de mestre.

Sobre as autoras

Michelle Cristiane Souza BENICIO é mestre em Análise Geoambiental pela Universidade de Guarulhos (2010), com a dissertação “Reconstrução Ambiental do Holoceno da Lagoa Juparana, Linhares, ES, Brasil, com base no registro fóssil de algas diatomáceas”. Email: mi_benicio@yahoo.com.br

Valéria CARBONI é pedagoga e está fazendo seu mestrado na área da Educação, na Unimes. Email: valeriacarboni66@gmail.com

Patrícia Regiane da Silva FURLANETO é mestre em Educação (2016) com a dissertação “Políticas públicas e programas municipais para a inclusão escolar de pessoas com deficiência na região metropolitana da baixada santista” defendida na Universidade Católica de Santos. Email: prof.patriciafurlaneto@gmail.com

Sarah Bento dos Santos SILVA é mestre em Educação: Formação de Formadores, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC (2020), com a dissertação “Multiletramentos como instrumentos para desencapsulação curricular”. Email: sarahbsantos90@yahoo.com.br

Marta Maria Silva cursou Pedagogia e Assistência Social e está cursando mestrado em Educação na Unimes. Email: semearsantos@yahoo.com

Referências

- FREIRE Paulo, Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
FREIRE Paulo, Pedagogia da autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
IMBERNÓN, FRANCISCO. Formação Continuada de Professores. Porto Alegre. Artmed, 2010.
IMBERNÓN, FRANCISCO. Formação Permanente do Professorado: Novas ten-

dências. São Paulo. Cortez, 2009.

NÓVOA, ANTÓNIO (org.). Os professores e a sua formação. Lisboa. Dom Quixote, 1995.

ALARCÃO, Isabel – Professores reflexivos em uma escola reflexiva – Editora Cortez – 2011

9

Cléber Braga Bezerra da Silva

DA ROÇA PARA A UNIVERSIDADE: MINHA TRAJETÓRIA ATÉ O MESTRADO PROFISSIONAL

Universidade Metropolitana de Santos

E-mail: clebercolina@hotmail.com

Irene da Silva Coelho

Universidade Metropolitana de Santos

Orientadora

E-mail: coelhoirene@gmail.com

Sou o segundo de três filhos de uma família simples do interior do estado de São Paulo, meus pais eram lavradores. Nasci no ano de 1985 na cidade de Ribeirão Preto, cresci na cidade de Morro Agudo, passei minha juventude na zona rural do município de Colina, onde o desejo de construir um futuro diferente me fez agarrar as oportunidades de investir em minha educação. Sempre estive entre os melhores alunos das classes em que estudei, tanto no Ensino Fundamental como no Médio, isto, contudo não me garantiu uma colocação confortável no mercado de trabalho ou na sociedade durante minha juventude. Precisei trabalhar como servente de pedreiro e lavrador durante e após o Ensino Médio (concluído no ano de 2003) enquanto sonhava com a faculdade.

Minha trajetória acadêmica se iniciou no ano de 2006 quando aproveitei a oportunidade oferecida pelo governo federal e conquistei uma bolsa de estudos para cursar a faculdade de Licenciatura em História pelo PROUNI (Programa Universidade para todos) nas Faculdades Integradas FAFIBE, em Bebedouro – SP. Bons tempos aqueles! Nesta época dividia meu tempo entre o trabalho em uma indústria de beneficiamento de borracha natural e a faculdade de História no período noturno, estudando sempre em todos os momentos livres.

Com a graduação no final do ano de 2008 participei de processo seletivo para

professores no município de Catanduva e por ter conquistado uma das vagas, me desliguei da indústria de borracha e me lancei aos desafios da carreira docente no início de 2009. Neste ano trabalhei com as disciplinas de História, Geografia e Ensino Religioso para o Ensino Fundamental 2. Tempos difíceis aqueles! Ao final do ano de 2009, devido à cessação do contrato com a Prefeitura de Catanduva, tive de procurar trabalho em outro local. Fui aprovado no processo seletivo do município de Praia Grande – SP e decidi transferir meus planos do interior para o litoral. Lecionei a disciplina de História em todas as séries do Ensino Fundamental e no Ensino Médio trabalhei também com os componentes curriculares de Filosofia e Sociologia.

Ao final de 2010 consegui boa classificação no concurso público e a efetivação veio no início de 2011. Passei a trabalhar dois ou três períodos diários em escolas de bairros periféricos da cidade, onde os contrastes sociais e as possibilidades de transformação social se apresentavam a mim todos os dias. Consegui fazer a diferença na vida de muitas pessoas e lhes apresentar minha própria trajetória como inspiração. Tenho notícias de alguns ex-alunos que decidiram seguir a profissão de professor, mas já fico feliz em saber que muitos continuaram os estudos após o Ensino Médio e assim como eu também acreditam no potencial transformador da educação.

Durante minha jornada em sala de aula, tive a oportunidade de me especializar em “Gestão e Docência na Educação a Distância”, em nível de Lato sensu, recursos digitais e possibilidades diferentes de ensino e de aprendizagem sempre despertaram em mim grande interesse. Ao final do ano de 2014, após seis anos atuando como professor do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, tive uma nova oportunidade, a de participar de um processo seletivo interno da Secretaria de Educação para escolha de coordenadores pedagógicos, chamados na rede municipal de Assistentes Técnicos Pedagógicos (ATP’s). Em abril de 2015 passei a ser o ATP de uma escola que atendia cerca de oitocentos alunos do primeiro ao sétimo ano do Ensino Fundamental.

A experiência de coordenar o trabalho pedagógico de tantos professores, e de modo especial professores alfabetizadores, me fez aprender muito. O ano de 2015 foi de muitos desafios, mas também de muitas oportunidades de crescimento profissional. Lancei-me em cursos e capacitação voltados à alfabetização e letramentos. Dispusei-me também a compartilhar o que estava aprendendo sendo orientador de estudos do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), onde a teoria e a prática pedagógica puderam ser vivenciadas e compartilhadas também com professoras da Educação Infantil. O ano de 2016 me trouxe outras surpresas e mais amadurecimento. Primeiro a mudança de escola. Passei a ser o ATP de uma escola que atende do segundo ao nono ano, onde trabalho até o presente. Mas a maior dádiva recebida nesse ano foi o nascimento de minha filha Isabela, que me trouxe maior sensibilidade em minha profissão. Sempre penso que gostaria de ajudar a manter ou

a construir uma escola com qualidade suficiente para atender minhas expectativas educacionais para minha Isabela.

Conclui neste mesmo ano minha segunda pós-graduação, em Educação Corporativa, outro assunto que sempre me interessou e que me auxilia em questões relacionais com meus professores. Tenho planos de desenvolver trabalhos voltados à educação e qualificação de trabalhadores.

Os desafios da gestão pedagógica têm sido muitos. Além de lidar com questões pedagógicas de etapas diferentes do Ensino Fundamental há ainda a necessidade de ser formador dos professores que atuam na escola, mesmo quando alguns deles não estão predispostos a se esforçarem em prol de sua formação continuada. Outras questões que permeiam o ambiente da coordenação pedagógica é que alguns professores já possuem maior experiência em sala de aula ou maior formação acadêmica, motivos esses que me incentivaram continuar meus estudos e a enfrentar um novo desafio. Para isso voltei à universidade e me matriculei no mestrado em “Práticas Docentes no Ensino Fundamental”. Tenho vivenciado situações de aprendizagem que além de proporcionar reflexão sobre minha própria prática ainda tem me subsidiado para orientar os professores de minha escola de modo epistemológico.

Ao olhar criticamente para minha prática profissional, vejo que em educação nada é tão certo ou tão estático. Percebo que as mudanças sociais e as políticas públicas impactam diretamente a sala de aula percebo que essas mudanças que impactam rapidamente o cotidiano das escolas levam algum tempo para serem assimiladas pelos professores e gestores das escolas. Durante esses dois semestres no curso de Mestrado, tenho me debruçado a estudar a Base Nacional Comum Curricular, especialmente sua estrutura de competências e habilidades e a relação delas com a cultura digital. Minha análise tem se pautado na visão da gestão pedagógica da escola, pois considero esta uma das responsáveis pelo desenvolvimento das condições necessárias para a aprendizagem relevante e significativa dos alunos.

Tenho pesquisado o quadro de docentes que atuam com o Ensino Fundamental 2 de uma escola pública da baixada santista. Pretendo descobrir se há ou não os pressupostos necessários (material e de formação docente) para o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas ao mundo digital tal como preconizadas pela BNCC.

Outro ponto fulcral de minha pesquisa, diz respeito à minha atuação na escola na formação em serviço dos professores que trabalham comigo. Considero que tenho conseguido subsidiar adequadamente os professores para trabalharem seguindo as diretrizes governamentais para educação e implantarem a BNCC. Essa implantação, contudo, ainda não tem se dado de modo plenamente consciente. Falta ainda nos professores e em mim, bases teóricas para análise, crítica e reconstrução de um currículo que represente os anseios da comunidade escolar de modo a transformá-la.

Universidade Católica de Santos (UniSantos)

cristinapcarvalho@hotmail.com

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (ROSA, 2001, p. 39)

Como refere o autor, “as pessoas não estão sempre iguais”. Ao longo de meu percurso profissional, pude ir modificando minhas representações sociais, absorvendo e compreendendo minhas experiências diárias à luz das teorizações, pois “o viés dos professores está relacionado com as Representações Sociais que eles construíram e constroem a respeito da profissão” (CARVALHO, p. 16, 2014).

Mesmo estando ciente de que a profissão de professor é desvalorizada em nosso país, apesar de todas as demais profissões necessitarem de professores para continuarem em exercício e excelência, continuei a galgar novos patamares pelos próprios trilhos da educação.

Neste pequeno relato, narro algumas dimensões das experiências construídas durante a realização do mestrado, apontando o quanto minhas inquietações profissionais motivaram a obstinação por uma formação continuada que contribuísse para meu desenvolvimento pessoal e profissional. Como ponto positivo, destaco o conhecimento e a percepção de mundo, que contribuíram muito em minha presença em sala de aula e nas atribuições de professora, pois as dificuldades em relacionar teorias com práticas pedagógicas exigidas na escola atual eram controversas ao aprendizado adquirido no curso de graduação, em Ciências da Matemática, concluso em 1997.

Tendo em vista essas considerações, aceitei o desafio de uma nova graduação, dessa vez em Pedagogia em Gestão Escolar. Nem ela, no entanto, foi suficiente para tornar plenamente confortável o desenvolvimento das práticas em sala de aula. Sendo assim, é importante lembrar as palavras de Nóvoa “a identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção...” (p.16, 1995).

Sob essa ótica, minhas lutas, no contexto escolar, continuavam, de forma que seria imprescindível buscar outros cursos específicos, agora em pós-graduação, que pudessem explanar conhecimentos mais aprofundados, críticos e analíticos: o primeiro, em Direito Educacional, a fim de alimentar o processo formativo e ajudar-me a compreender as Políticas Públicas de Formação; o segundo, em Educação Ambiental, para entender e relacionar-me interdis-

ciplinarmente com outros cursos, tal como afirma Abdalla (2006, p.57) “as relações significativas para as maneiras de ser e estar na profissão permitindo redimensionar, campos de lutas da escola, um espaço de possibilidades” . Portanto, essas novas formações contribuíram para o enfrentamento de “ser e de estar na profissão” de professor, ressignificando minha trajetória.

Durante o percurso no *Stricto Sensu* (Mestrado), sonhava em permanecer na carreira acadêmica, ministrando aulas ou atuando em projetos e desenvolvendo pesquisas, no entanto, o início desse caminho assustou-me com as diversas atividades a serem cumpridas. Para tanto, a atividade avaliativa mais fácil decorreu da proficiência em outra língua, no meu caso, espanhol. Até porque era um texto interpretativo, sem exigir oralidade, que é meu fraco.

Vale salientar que participando dos grupos e projetos de extensão, paulatinamente, fui apreendendo e compreendendo diversos processos de realização das pesquisas acadêmicas. Diante disso, conquistei a bolsa CAPES para cursar o Mestrado em Educação. O ingresso no mestrado, na Universidade Católica de Santos (UniSantos) foi parte de um movimento de tentativas de ingresso neste processo de formação acadêmica. Durante esse percurso, tive a oportunidade de construir diversas experiências: a didática e minha relação com meus alunos ganharam mais autonomia e consistência. A qualidade da aula é refletida no índice alto de aprendizagem dos meus alunos. Além do conhecimento adquirido ao longo do processo, a relação teoria e prática foi internalizada facilmente no meu cotidiano.

Como ponto negativo, infelizmente, devido ao período de obscurantismo científico em que vive meu país, a falta de valorização da hora-aula, como até dificuldade de se conseguir um bom trabalho por causa de um bom currículo, é o mais frustrante. A exceção dos que conseguiram aprovar em concurso público, aqueles que apresentam um bom currículo são normalmente preteridos pela iniciativa privada.

Meu novo desafio está sendo a trajetória de aprendizagem no Programa de pós-graduação, Doutorado em Educação, na Universidade de Rosário – Argentina, ampliando meu conhecimento científico e contribuindo para meu caminho linear. Para tanto, o desenvolvimento da carreira anseia de um trabalho significativo, considerando a mudança do contexto atual e os desafios encontrados neste novo ciclo tecnológico em que inovar e renovar são princípios importantes para a educação na contemporaneidade.

Prefeitura da Estância Balneária de Praia Grande
cinequaratna@gmail.com

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade, assim, convencido, parto para o emba-te sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída (FREIRE, 2001, p.10).

Ser professora de Educação Física foi uma opção idealista. Devido às experiências vividas na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação Física da USP, onde por muitos anos de minha infância fiz aulas com estagiários da área, acreditava que a Educação Física era importante para o bem-estar e desenvolvimento das pessoas, talvez tenha sido por isso, que decidi cursar a faculdade de Educação Física na OSEC (Organização Santamarense de Educação e Cultura), atual UNISA (Universidade de Santo Amaro).

Foi durante o curso que ampliei a minha visão e percebi que, muito mais do que ser importante para o bem-estar de pessoas adultas, a Educação Física é também fundamental para as crianças e, dessa forma, trabalhar com a Educação Física escolar tornou-se minha opção profissional.

No segundo ano da graduação em Educação Física, comecei a trabalhar em uma pequena escola particular, dando aulas para crianças de quatro a nove anos. Durante esse período, também trabalhei com acampamentos, feiras e exposições. Ao formar permaneci apenas na escola particular e iniciei na monitoria da faculdade, acompanhando as disciplinas de GRD (Ginástica Rítmica Desportiva) e Ginástica durante dois anos.

A mudança de São Paulo para a Praia Grande, na Baixada Santista, proporcionou-me a oportunidade de novas experiências em uma escola particular com alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio. As melhores perspectivas de trabalho na cidade onde fui morar estavam no serviço público, passei em um processo seletivo como professora de Educação Física e assumi, pela primeira vez, aulas em escola pública, em 1995, em uma creche com alunos de quatro a seis anos de idade.

Troquei o serviço público pela escola particular diversas vezes, percebia que faltava algo para complementar meu trabalho com a Educação Física. Nessa fase, percebi que havia muitos conhecimentos básicos da rotina escolar, que eu desconhecia, e a necessidade de fazer uma faculdade de Pedagogia tornou-se evidente.

A graduação em Pedagogia possibilitou-me trabalhar em uma grande rede de colégios particulares, pela primeira vez, como professora polivalente² de alunos de quatro anos de idade. Ter contato com os alunos por um período inteiro foi muito diferente de tudo o que eu já havia vivenciado como professora de Educação Física até então.

Nessa fase, eu trabalhava durante um período na escola particular como pedagoga e, no outro, em escolas municipais como professora de Educação Física com crianças da pré-escola, cuja faixa etária, na época, variava entre quatro e seis anos de idade.

A partir de 2008, passei a trabalhar exclusivamente no serviço municipal e, após alguns anos, fui chamada para atuar com a equipe de Educação Especial na orientação aos professores de Educação Física para a inclusão de alunos com deficiência nas aulas.

A necessidade de adquirir mais conhecimentos, em virtude da nova função, fez-me ingressar em uma pós-graduação em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), e meu foco de pesquisa na monografia foi o professor de Educação Física, os saberes docentes e a inclusão de crianças de três a seis anos na rede regular de ensino.

Os anos seguintes foram de grandes mudanças profissionais. Trabalhei um ano como ATP (Assistente Técnico Pedagógico), em 2012, foi criada a função de ATP de Educação Física e fui chamada para atuar nela.

As responsabilidades do cargo e o curso de pós-graduação instigaram-me a querer pesquisar mais sobre a Educação Física na Educação Infantil, mais precisamente na pré-escola e, ao terminar a pós-graduação, fui orientada a frequentar o grupo de estudos da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Amélia do Rosário Santoro Franco. No ano seguinte, ingressei oficialmente no programa de mestrado. O interesse pela pré-escola permeia toda a minha carreira profissional. Sempre estive ligada a essa fase nas diversas escolas onde trabalhei, o que me trouxe também muitas inquietações, que passaram pelos aspectos legislativos, formativos, culturais e práticos da atuação do professor de Educação Física na Educação Infantil

Fazer o mestrado foi um grande diferencial para meu crescimento pessoal e profissional e abrindo portas para novos cargos e desafios dentro da Secretaria de Educação.

Acredito que estudo e conhecimento nunca são demais e por este motivo temos que sempre estar nos atualizando e acreditar que é possível.

Considerações finais

Com o propósito de atenuar as dificuldades do desenvolvimento da carreira do professor e as complexas transformações do mundo educacional, apre-

sentamos, no I Simpósio, da Prefeitura de Praia Grande, as possibilidades de ampliar os horizontes, potencializar nossas competências, reforçar a autonomia e dar sentido ao trabalho de professor, por meio do percurso da formação *stricto sensu* (em mestrado e/ou doutorado).

As discussões com os professores do Ensino Fundamental I e II, da rede municipal, foram baseadas nas experiências de alguns mestres, mestrandos e doutorandos que apontaram as dificuldades quanto ao ingresso nos cursos e à permanência neles, devido ao acúmulo de atividades pessoais e profissionais. Evidenciou-se, também, surpresa diante dos conteúdos ministrados e das diversas teorias que já sustentavam suas práticas pedagógicas prévias. Apontou-se, entretanto, que as experiências vivenciadas, nas trajetórias pessoais e nos percursos dos mestrados, trouxeram mudanças positivas nas práticas profissionais, no sentido de intensificar as convicções e conferir maior autoridade às experiências novas e arrojadas em relação às aprendizagens construídas sala de aula.

Na sequência, explanou-se a diferença entre mestrado acadêmico e mestrado profissional, detalhando sua validade na área educacional.

Por fim, as perguntas provocadas pela audiência ficaram em torno da valorização profissional do professor dentro da sua evolução de carreira.

Vale salientar que a tarefa de concluir o mestrado e/ou doutorado é árdua, mas de fato reflete diretamente à busca pela excelência da prática docente.

Referências Bibliográficas

ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. O senso prático de ser e estar na profissão. São Paulo: Cortez, 2006.

CARVALHO, Cristina Pereira. As necessidades e expectativas das professoras-estudantes da Pedagogia/Parfor sobre sua formação docente frente aos desafios da prática profissional, (dissertação) Mestrado em Educação: Universidade Católica de Santos, 2014.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 8.ed.

São Paulo: Paz e Terra, 2001.

NÓVOA, Antonio. Os professores e a sua formação. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 1995.

ROSA, J. G. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, J. G. O recado do morro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

ROSA, J. Guimarães. O espelho. In: _____. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 113-120.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2009. 350 p.

SANTOS, B. S. Um ocidente não-ocidentalista: a filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. In: _____. MENESES, M. P. (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 519-562.

I-Relato de experiência de formação continuada stricto sensu

Após uma vida nas carteiras de escolas públicas, busquei profissionalizar-me através de uma licenciatura em letras numa universidade particular; tão logo fui diplomado em 2009, ingressei na Rede Municipal de Ensino do Município de Praia Grande, primeiro como professor contratado de língua portuguesa e em seguida como professor efetivo. Ingressei num segundo cargo de língua portuguesa em 2011; neste mesmo ano assumi o projeto Sala de Recurso de Língua Portuguesa em Libras. Em paralelo à vida docente, segui como discente em cursos de complementação, de aperfeiçoamento e de especialização. Na verdade, desde o primeiro dia de aula que tive na vida – ainda que daquele dia só me tenha ficado a recordação do tanto de lágrimas que derramei – não parei mais de estudar. Foi com a convicção de ser a sequência lógica da vida a que vinha me dedicando desde há muito tempo que me candidatei a uma vaga no Mestrado em Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP).

Sempre acreditei que a Universidade e a Escola eram universos que se estranhavam; no entanto, também sempre acalentei a ideia de que fossem complementares. Não sabia como, pois minhas experiências me mostravam uma postura unilateral por parte da Universidade e de mera subserviência por parte da Escola. Na Universidade são elaborados os grandes planos, são encontradas as grandes soluções; à Escola compete apenas executar acriticamente o que orienta a Universidade. A experiência que tive no curso de Mestrado revelou-me, no entanto, que Universidade e Escola são dimensões de uma mesma realidade, a saber, a realidade formativa da inteligência humana. A Escola é a dimensão dos saberes mais voltados ao cotidiano, enquanto a Universidade é a dimensão dos saberes especializados e científicos. Vejo-as então como complementares na medida em que os saberes que a Escola deve fornecer nos levam a viver nosso dia a dia e aqueles que a Universidade nos proporciona nos levam a compreender mais profundamente as coisas que compõem nosso dia a dia.

Neste sentido, a Escola acaba se tornando fonte privilegiada de inúmeros objetos de estudo. Aquele a que me propus investigar surgiu-me numa situação de trabalho docente: ao deparar-me com a desorganização das ideias presente na maioria das redações dos alunos de uma escola de ensino fundamental II, senti-me provocado a entender melhor como seria trabalharmos estratégias de ensino de redação baseadas na frase. Foi com base nesta ideia que escrevi meu primeiro projeto de pesquisa; remeti-o a mais de uma de-

zena de professores da FFLCH, dos quais apenas três me responderam: duas informando-me que meu projeto não se adequava a suas linhas de pesquisa e uma informando-me a mesma coisa, no entanto, acrescentando certo incentivo para que ainda assim fizesse a inscrição no processo seletivo. Caso passasse realizaríamos as adequações necessárias. De modo sucinto, a principal adequação a ser feita era recortar melhor meu objeto de pesquisa numa perspectiva histórica e não pedagógica, que era a que o caracterizava inicialmente, pois a linha de pesquisa na qual acabava de ingressar chamava-se História e Historiografia da Língua Portuguesa. Feitas as adequações, o caminho estava livre para a realização das disciplinas, da pesquisa e para a escrita da dissertação.

Para que eu pudesse engajar-me neste processo formativo, tão importante a meus olhos, foram necessárias adequações na minha rotina de trabalho e de vida. Precisava dispor de tempo para participar das disciplinas e para realizar as leituras, as pesquisas e os estudos. De forma a conseguir o tempo para frequentar as disciplinas fiz um requerimento de afastamento parcial de minhas funções à Senhora Secretária de Educação; baseando-me no Art. 62, Inciso V, da então vigente Lei Complementar n. 592, de 27 de junho de 2011, que trata da autorização para que professor possa “frequentar cursos de pós-graduação, aperfeiçoamento, especialização ou atualização, com ou sem prejuízo de vencimentos e das demais vantagens dos cargos”, consegui dispensa de um dia de trabalho para dedicar-me ao mestrado. Quanto às adequações na minha rotina de vida, precisei apenas pesar as prioridades e concentrar-me nos objetivos que almejava alcançar. Neste aspecto, não posso negligenciar o fato de que não sou arrimo de família, o que muito facilitou a tomada de decisões quanto aos sacrifícios a serem feitos.

Os dois anos e meio de curso não foram fáceis, pois tive que superar meu total desconhecimento da dinâmica de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, bem como de grande parte da bibliografia básica da área na qual estava me aventurando. O trabalho foi árduo, mas recompensador; a cada desafio superado mais e mais sentia-me senhor das minhas capacidades intelectuais. Quando da defesa de minha dissertação, intitulada *A frase e sua teoria no horizonte de retrospecto de Mattoso Câmara (2019)*, foi que percebi o quanto somos capazes de irmos além daquilo que acreditamos ser nossos limites. Até alguns poucos meses antes do término do prazo para conclusão do curso, minha dissertação era ainda um amontoado de notas sem coesão; tentava à época incluir todas as informações que pude recolher em minha pesquisa e todos os conhecimentos que pude elaborar em meus estudos; mas tudo aquilo que acumulei em minha jornada de mestrado tinha um volume bem maior do que as 135 páginas da dissertação comportariam. Feitas as escolhas, estruturadas tais escolhas em boas frases, frases estas todas bem costuradas num texto bem escrito, pronto _ o mais ficou para preencher-me a vida e para subsidiar-me nesta aventura maior que é o doutorado.

II-Profletras: legitimando práticas docentes.

Desde que terminei a graduação em Letras, em 2004, e comecei minha carreira docente, sentia o desejo de ingressar em um curso de mestrado. No entanto, naquele momento, estava focada em ter estabilidade no trabalho e morar perto do mar, o que me trouxe, em 2006, para o município de Itanhaém. Efetiva nessa rede, meus primeiros anos na carreira foram marcados pelo desafio de entender o ensino público e meu papel em sala de aula. Conforme os anos foram passando, via o desejo de uma formação *stricto sensu* se distanciando da minha realidade, pois acreditava que meus anseios de sala de aula não eram compatíveis aos da academia. Entrava nos sites da USP, da UNESP e não sabia por onde começar.

Em 2012, já trabalhando na rede municipal de Praia Grande, fiz uma especialização *lato sensu* em “Ética, valores e cidadania na escola”, pela Universidade de São Paulo, e vi meu horizonte se ampliando. Essa formação me ajudou a compreender com mais profundidade alguns questionamentos que eu tinha em relação a meu papel na escola pública e, também, despertou meu antigo desejo de trabalhar com pesquisa em um curso de mestrado. Foi alguns anos depois dessa pós-graduação que descobri o Profletras, programa de mestrado profissional em Letras, destinado exclusivamente a professores de Língua Portuguesa atuantes na rede pública de ensino. Oferecido em rede nacional, conta com a participação de instituições de ensino superior públicas, inclusive duas no estado de São Paulo, a USP e a UNESP. Quando li a ementa do curso, identifiquei-me com a proposta, pois seriam tratados temas que envolvem a sala de aula e as aulas de Língua Portuguesa no contexto das escolas públicas, ou seja, minha realidade.

A diferença essencial entre um programa de mestrado profissional e um acadêmico é que o primeiro, necessariamente, precisa partir de um solo prático relacionado à determinada profissão. No meu caso, a sala de aula, a escola e as aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, pesquisas que possuem uma veia prática podem acontecer tanto em programas de mestrado profissional, quanto acadêmico. No entanto, pesquisas com uma linha apenas teórica, sem viés na prática profissional, se enquadram apenas em programas de mestrado acadêmico. O mestrado profissional garante ao discente a mesma qualificação de Mestre e pré-requisito ao ingresso nos programas de doutorado. O mestrado profissional, portanto, pretende levar o conhecimento técnico-científico para a prática do profissional, com o intuito de que aqueles conhecimentos impactem na sua atuação.

Dentre as opções que temos no Estado de São Paulo para ingresso do Profle-

tras, decidi concorrer a uma vaga na UNESP de Assis porque, embora muito mais distante do que a Universidade de São Paulo, todas as aulas eram concentradas às sextas-feiras, diferente da USP em que havia aulas durante dois dias da semana. Assim, ingressando pela UNESP, eu precisaria me ausentar do trabalho apenas um dia da semana.

Para conseguir essa dispensa, elaborei um requerimento, com base no Artigo 62, inciso V, do Estatuto do Magistério de Praia Grande, e protocolei no R.H. da prefeitura assim que vi meu nome na lista de aprovados. Queria ter a garantia de que minha dispensa fosse aprovada assim que as aulas começassem. No entanto, esse ansioso passo acabou por atrasar o processo, pois, para a dispensa ser aprovada, eu precisaria anexar o comprovante de matrícula, que ocorreu um mês depois. Por isso, pela minha experiência, falo aos colegas que desejam gozar desse direito, que esperem até toda a documentação estar organizada para protocolar o pedido. No meu caso, ele demorou seis meses para ser aprovado, prazo em que assumi as faltas “injustificadas” quando não era possível uma abonada.

Foram um ano e meio de viagens a Assis às sextas-feiras, encontros com professores fantásticos e muitas leituras, e mais seis meses para finalizar a escrita da dissertação. O aprendizado que adquiri e a mudança de perspectiva que tive com essa formação foram tão intensos que me custa acreditar, hoje, que tenha acontecido em tão curto espaço de tempo.

Desde o início da minha carreira docente, minha prática esteve voltada para a leitura e a escrita, por isso sempre busquei estratégias para inserir os alunos em práticas que contemplassem esses dois pilares. Também conhecia, há alguns anos, por meio das minhas alunas do Ensino Médio, o mundo das fanfictions (escrita de fã). As fanfictions são narrativas ficcionais feitas por e para fãs, geralmente jovens, a partir de objetos culturais diversos e produzidos dentro de plataformas virtuais. Nesses espaços, esses jovens leem e escrevem a partir daquilo que gostam. Diante disso, eu pensava que a escola não podia ficar alheia à diversidade textual e cultural que a internet oferece e que as aulas de Língua Portuguesa deveriam pensar os gêneros também dentro desse espaço. Então, minha ideia para a pesquisa foi inserir esse gênero em uma prática textual em sala de aula como forma de multiletramento, pensando as aulas de Língua Portuguesa como espaço de letramentos os mais diversos – incluindo o convencional e o multimidiático – assim como a escola extramuros e a linguagem como prática social.

Os dois anos que duraram minha pesquisa não foram fáceis. Ter uma rotina de estudos intensa estando trabalhando, também, em sala de aula, exige um esforço pessoal árduo. Entretanto, saliento, todo o esforço para ingresso e permanência no mestrado e, no meu caso, nesse mestrado específico, impactou demais a minha profissão. Sinto que as minhas práticas estão mais legitimadas pela bagagem teórica-científica que adquiri nesse período. Além disso, a produção da dissertação apurou minha escrita, dando, portanto, muscula-

tura para registrar projetos desenvolvidos, o que me rendeu prêmios na área, como o “Professores do Brasil”, em 2018, com o projeto “Minhas memórias: o embate de vozes na construção de alunos-sujeitos”, e o “Professor Transformador”, em 2020, com o projeto “Fanfiqueiros de papel”, desenvolvido como parte prática durante o mestrado.

A sala de aula é um laboratório científico e todos nós, professores, somos pesquisadores. Com essa formação percebi que muitas práticas são projetos de pesquisa e muita coisa feita no chão da sala de aula poderia se transformar em belas pesquisas na universidade. Essa percepção me fez ter a certeza, também, de que sigo no caminho certo e de que tenho muitos colegas desenvolvendo projetos de pesquisa sem se darem conta disso.

III-Trajétória de trabalho e estudo

Sou professor de História na rede desde 2017 e tenho doutorado em História Econômica. Muita gente não entende um mestre ou doutor lecionando no ensino fundamental da rede pública. Eu evito mencionar o título, considero desnecessário, e sei que muitos neste país fazem do título uma “ostentação” arrogante que gera uma compreensível antipatia. Seja como for, essa é uma oportunidade de falar a respeito.

Minha trajetória de estudos tem raiz familiar. Minha mãe foi professora de ensino infantil, sempre gostou de ler, estudar, mas nunca cursou faculdade. Na época era difícil para as mulheres e meu avô foi contra. Ainda assim, ela fazia cursos, tinha livros e o hábito de leitura em casa. Preocupada com trabalho e sustento, me encaminhou aos 14 anos para uma escola de aprendizagem industrial – o SENAI – que também era supletivo do antigo “ginásio”. Larguei o futebol (decisão dura...) e trabalhei como mecânico por um tempo.

Depois, fiz um curso Técnico em Mecânica de Precisão no SENAI da capital e fui trabalhar na indústria. Assim, com toda minha formação foi dirigida para as “exatas”, trabalhava em fábrica e ingressei no curso de Física da USP. Em pouco tempo percebi que não era o que queria. Então, decidi prestar novo vestibular para História, com a intenção de estudar e trabalhar em algo mais realizador, já ciente das dificuldades dessa escolha em nossa sociedade.

Dessa forma, ingressei em História na USP no curso noturno. A exigência das aulas e leituras semanais em torno de 300 páginas me fizeram deixar o emprego de 9 horas diárias na fábrica. Então, comecei a dar aulas de Geografia no Estado: dez salas de 5ª série pra começar, um batismo de fogo.

Cursei História em universidade pública, com moradia estudantil, ban-dejão e sempre trabalhando: aulas, biblioteca, sala de informática, Memorial da América Latina, pesquisa de opinião. Aliás, nos cursos de “humanas” muitos alunos vêm de escolas públicas, ao contrário do que muitos acreditam sem conhecer a realidade.

Na graduação descobri a Iniciação Científica (IC) e tomei gosto pela pesquisa. Concluído o bacharelado e a licenciatura, construí um projeto de mestrado a partir do texto final da IC. Ingressei na UNICAMP já com projeto, fui contemplado com uma bolsa de pesquisa que exigia dedicação exclusiva e escrevi a dissertação apresentada em 2003, editada como livro posteriormente.

Três anos depois, ingressei no doutorado na USP. Uma área de estudo nova e um longo período sem bolsa – trabalhando na rede pública e privada

– fizeram o caminho bem mais exigente enquanto o prazo corria. Somente nos dois anos finais tive bolsa e pude me dedicar mais.

A conclusão que se impõe é: estudar e pesquisar seriamente é um trabalho, exige tempo e energia, uma dedicação e um foco difícil de se conseguir quando estamos dando aula. Ou se tem bolsa ou apoio da rede onde leciona. Ainda assim, é necessária uma autodisciplina dura e de grande custo pessoal, às vezes impossível dependendo da estrutura familiar e dos compromissos que o professor possui na sua vida. Claro, pra fazer uma boa pesquisa; pra fazer qualquer coisa, só pra ter o título, dá-se um jeito. Mas a boa pesquisa exige gosto pelo estudo, pelo tema e disposição pra um trabalho árduo, porque mesmo tendo afinidade com seu tema tem hora que é puro trabalho.

Hoje a pesquisa anda sucateada: bolsas restritas, sem reajuste e valores que não permitem abrir mão de aulas. A “dedicação exclusiva”, antes regra, hoje é rara; os prazos mais curtos; os temas mais recortados e o aprofundamento difícil. O resultado é queda de qualidade das pesquisas, com honrosas exceções.

Por fim, retornando ao início: quem é mestre e doutor deve estar na escola pública? No ensino fundamental ou médio? Em geral se pensa que o professor que avançou mais na sua formação deveria ensinar adultos em faculdade e não crianças e jovens, como se uma coisa fosse mais fácil e outra mais complexa. Este raciocínio desvaloriza e subestima o trabalho de quem lida com os anos fundamentais do ensino, como se a qualificação aí fosse menos necessária. Ora, a função primordial da escola é ensinar algo que faça diferença na vida dos alunos. Não basta um professor legal, afetuoso e com didáticas criativas se não dominar o conteúdo; eles precisam de fato aprender.

Conseguir reservar um tempo pra ler, estudar, assistir um bom filme, se aprimorar, é necessário para a formação e a saúde mental do professor. Estruturar nossa vida para isso é um desafio constante em meio à vida cotidiana. Mas, apesar de todas as dificuldades, os alunos merecem o melhor de nós e quanto mais preparados forem os professores mais capacidade de entregar um bom ensino teremos.

IV-Considerações finais: os debates na sala 5

Dentre as discussões ocorridas na sala 5, no I Simpósio de Praia Grande, destacou-se a indagação dos professores presentes quanto à garantia (ou não) da dispensa de suas funções para cursar um mestrado como os que foram apresentados. Segundo essas indagações, o processo para ingresso nesses programas já exige esforço pessoal pesado e que, sem a garantia de que poderão cursar, sentem-se desmotivados.

A questão se torna ainda mais problemática quando essa dispensa é para professores do Ensino Infantil ou do Ensino Fundamental I em que as aulas são

alicerçadas em um vínculo muito forte entre professores e alunos, impossibilitando que haja um substituto durante apenas um dia da semana. Segundo os professores, essa quebra prejudicaria o rendimento dos alunos, diferentemente do que acontece no Fundamental II.

Outro ponto levantado foi a falta de clareza quanto aos trâmites necessários para solicitação de dispensa e de outras atividades relacionadas aos cursos. Muitos professores que estão fazendo algum curso acadêmico pretendem desenvolver suas pesquisas no ambiente escolar, investigando estratégias de ensino e outros temas pertinentes ao fazer pedagógico, no entanto, esbarra-ram na demora em ter uma resposta às suas solicitações. Podemos pensar a partir daí na necessidade de organizar ações que coordenam não só as dispensas para estudo, mas também os estágios e a aplicação das diferentes modalidades de pesquisas (entrevistas, observação ou mesmo pesquisa-ação) nas escolas do município.

Anualmente, a rede pública de Educação de Praia Grande realiza a Jornada Pedagógica. No ano de 2020, porém, o formato foi idealizado em formato de Simpósio onde os professores puderam trocar experiências sobre a pós-graduação e a importância de continuidade na formação docente. Assim, os profissionais com histórico de curso de mestrado e doutorado, em curso ou concluído, foram convidados a realização de um simpósio focado na trajetória de vida do docente, chegando ao objeto de pesquisa desenvolvido ou em desenvolvimento na pós-graduação. Essa ideia baseia-se na linha de pesquisa autobiográfica, já tão difundida no campo da Educação como forma de compreensão a formação docente no campo educacional (FERRAROTTI, 2014). O presente texto, com isso, tem por objetivo apresentar, assim como os demais textos que compuseram a Jornada Pedagógica do ano de 2020, trajetórias de vida com ênfase na formação docente de profissionais que se encontram em nível de pós-graduação *Stricto Sensu*. Percebe-se que o presente espaço é limitado para inferir quanto às questões gerais acerca da possibilidade, ou não, da realização e continuidade da formação, culminando na pós-graduação em nível de mestrado e doutorado; por outro lado, tais relatos podem indicar dificuldades e caminhos passíveis de pesquisa e análises futuras, possibilitando inferências acerca da formação dos professores para futuras intervenções no sentido de melhorar o acesso a pesquisa científica com base em histórias de vida que já percorreram esses caminhos.

Neste texto encontram-se quatro relatos de história de vida com enfoque na formação docente e no objeto de pesquisa na pós-graduação. São eles escritos por Estefânia de Araújo Santos Noronha, que trabalhou com a percepção da dimensão corporal de adolescentes participantes do programa Super Escola de Praia Grande. Leonardo de Oliveira Casadei, que pesquisou a avifauna do Espaço De Lazer Ézio Dall' Aqua (Portinho) através do projeto Vem Passarinho. Rafael da Silva e Silva, abordando como estudou a educação nipo-brasileira na primeira metade do século XX na Baixada Santista e Vale do Ribeira e Rosimere de Souza Pereira, que desenvolve pesquisa em nível de mestrado sobre Intervenção Precoce em Autismo aplicadas por profissionais da Educação.

Com isso, este texto, assim como as demais apresentações e trabalhos desenvolvido na Jornada Pedagógica de 2020, visam estimular e desmistificar a formação continuada em nível de Mestrado e Doutorado aos profissionais da Educação da Rede Pública de Praia Grande e demais docentes da região.

Especialista em Educação Física Escolar, Mestre em Educação Física na área de concentração: Escola, Esporte, Atividade Física e Saúde.

Atuo como Professora de Educação Física na Prefeitura de Praia Grande desde 2013 e atualmente exerço o cargo de Assistente Técnico Pedagógico.

O contato com atividades relacionadas à pesquisa científica na Faculdade, despertou meu interesse sobre o processo de pesquisa, porém devido a necessidade de conciliar trabalho e estudo não consegui manter o envolvimento com atividades de iniciação científica.

Em 2013, também lecionei em outro município, atuando diretamente com adolescentes e observei no relato dos alunos comentários frequentes de insatisfação em relação ao próprio corpo e o distanciamento e a resistência em relação a prática de atividade física. Tal situação despertou o meu interesse em estudar mais profundamente a temática. No mesmo ano elaborei um projeto de pesquisa para aplicar com esses alunos, ao solicitar a opinião de um dos meus colegas de profissão, o mesmo incentivou para que eu apresentasse o projeto na tentativa de ingressar no curso de Mestrado.

Ao participar do processo seletivo houve a necessidade de alguns ajustes no projeto, mas fui aprovada dando início ao processo de estudo e pesquisa científica. A necessidade de conciliar e gerenciar trabalho, família, pesquisa e estudo presencial em outra cidade foi um grande desafio e exigiu uma elevada capacidade de organização e a superação de inúmeros desafios, porém o caminho para a obtenção do título oportunizou um crescimento significativo que contribuiu para minha carreira, para minha prática pedagógica e para o meu desenvolvimento pessoal, sou imensamente grata por tudo que vivenciei nesse processo.

Conquistei o título de Mestre defendendo o tema: Percepção da dimensão corporal de adolescentes participantes do programa Super Escola de Praia Grande.

O estudo teve como objetivo mensurar a percepção da dimensão corporal percebida e imaginada de adolescentes participantes do Programa Super Escola, participam da pesquisa adolescentes entre 10 e 15 anos, divididos em dois grupos: participantes do Programa Super Escola e não participantes do programa.

Por meio da aplicação dos testes para analisar as percepções da dimensão corporal percebida sem auxílio da visão (IPC percebido) e imaginada (com auxílio da visão) foi aplicado o Teste de Marcação do Esquema Corporal (IMP - Image Marking Procedure) e para analisar o histórico de atividades motoras foi aplicado o Questionário de Atividades Motoras Atuais e Pgressas, elaborado pelo Laboratório de Percepção Corporal e Movimento da Universidade

São Judas Tadeu.

Após as análises estatísticas foi constatado que o grupo Super Escola apresentou índices de percepção percebido e imaginado classificado como adequados enquanto o grupo não participante do programa apresentou superestimação da percepção dimensional do corpo percebida e imaginada, ou seja, tendo a percepção do tamanho do corpo maior do que é realmente.

A análise dos desenhos representativos das projeções do contorno corporal entre os grupos mostrou que os adolescentes não participantes do Programa Super Escola apresentaram maior desorganização na percepção dos segmentos corporais. Por meio do questionário aplicado constatamos em relação ao crescimento físico que o grupo Super Escola percebe coerentemente o que de fato acontece em relação ao crescimento durante a fase da adolescência. O estudo concluiu que os adolescentes participantes do Programa Super Escola apresentaram uma melhor adaptação às mudanças pronunciadas pela puberdade apresentando uma percepção dimensional percebida e imaginada mais apurada em relação ao grupo não participante do programa. Desse modo, depreendemos que o maior dispêndio de tempo na prática de atividade física durante a infância e adolescência pode contribuir para uma melhor reestruturação corporal e para a percepção corporal mais próxima do adequado frente as mudanças corporais manifestadas durante a puberdade e adolescência, assim contribuindo para uma melhor adaptação dos aspectos físicos e emocionais envolvidos nesse processo de mudanças.

A participação no Simpósio de Educação 2020 organizado pela Prefeitura de Praia Grande, oportunizou que eu partilhasse com os colegas de profissão um pouco da minha história, os desafios e as conquistas no caminho percorrido para a conquista do título de Mestrado, o que oportunizou a discussão e a reflexão sobre todo o processo de desenvolvimento acadêmico e pessoal envolvido.

Cursei Tecnologia em Processamento de Dados quando bem jovem e trabalhei por mais de 10 anos em áreas administrativas. Como funcionário da Prefeitura de Praia Grande fui lotado na SEPROS atuando no Departamento Contábil, no Posto de Atendimento ao Trabalhador e no Banco do Povo.

Em busca do sonho de criança e da minha verdadeira vocação, decidi retornar aos bancos da faculdade e formei-me finalmente em Ciências Biológicas em 2009. A partir de então passei a ministrar aulas na Prefeitura de Praia Grande como professor contratado até conseguir efetivação em concurso público no ano de 2013.

Nesse meio tempo, conclui duas especializações: em Educação Ambiental e Gestão Escolar. Em paralelo a isso realizava palestras e workshops sobre a temática ambiental de forma voluntária, através do Grupo Guardiões de Gaia. Lecionei na EM José Júlio Martins Baptista e na EM Antônio Peres Ferreira, nos anos de 2010 a 2014, até que em meados de 2014 passei a fazer parte do corpo docente do Departamento de Educação Ambiental do município.

Sou idealizador do Projeto Vem Passarilhar, que agrega observação de aves à prática pedagógica de educação ambiental. Criado na primavera de 2014, o Projeto já recebeu mais de 20 mil alunos das redes pública e privada de ensino.

Em meados de 2017 conclui o curso de Mestrado em Ecologia. A vontade de realizar o Mestrado veio da necessidade de registrar o trabalho desenvolvido com as aves na região. A dissertação de Mestrado teve o objetivo de realizar um inventário da avifauna do Portinho (Parque Ezio Dall' Aqua), ao longo das quatro estações do ano, categorizando as espécies através do status de ocorrência (residente ou migratória), além de fazer um levantamento da estrutura trófica, identificando a categoria alimentar das espécies observadas.

O levantamento que teve duração de 12 meses e foi realizado por intermédio de análise quantitativa, pelo qual se priorizou detectar o maior número possível de espécies, através de identificação visual e auditiva, com o auxílio de máquina fotográfica para o registro das espécies em campo.

Foram identificadas 139 espécies, distribuídas em 45 famílias. A ocorrência da Saíra-sapucaia (*Tangara peruviana*) e do Gavião-pombo-pequeno (*Leucopternis lacernulatus*), espécies globalmente ameaçadas de extinção, foram extremamente significativas para a região.

Esses resultados demonstram que a área do Portinho é um importante refúgio para a avifauna no litoral sul paulista. Além disso, o trabalho também teve o objetivo de avaliar os impactos incidentes sobre a comunidade de aves da área de estudo e sugerir ações de manejo visando à conservação da área e das aves localmente.

A melhor forma de entender como cheguei ao tema de pesquisa da Educação Japonesa na Baixada Santista na primeira metade do século é fazer um retrospecto pessoal da minha formação como profissional da Educação com formação em Licenciatura Plena em História.

Primeiramente é preciso regressar ao interesse por História, que surgiu em minha vida de forma inusitada. Sou muito pessimista ao analisar os anos de Ensino Fundamental e Ensino Médio em minha vida escolar. Foram anos de pouco aprendizado na década de noventa. Naquele momento o Sistema de progressão continuada estava sendo implantado na rede pública do município de Santos e era notável a dificuldade dos profissionais. O fato que a escola, para mim era um ambiente de pouco interesse. Por outro lado, com amigos, jogava Rolling Play Game (RPG), tradução literal significa jogo de interpretação. Ou seja, é um jogo onde os participantes interpretam seus personagens narrando suas ações a um mestre, responsável pela condução da história. Na época, para poder conduzir a história com maior eficácia na posição de mestre, precisei estudar e ler muitos livros de romance histórico, surgindo assim o interesse por História.

Ingressei no curso de Licenciatura Plena em História pela Faculdade Dom Domênico no Guarujá. Durante o percurso de estudo na faculdade foi preciso elaboração de um tema de pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso o qual suscitou o interesse por estudar a história do bairro do Saboó, no município de Santos e, investigando essa história, tomei conhecimento da existência de uma colônia japonesa no bairro. O professor orientador sugeriu a pesquisa mais a fundo dessa colônia e como essa colônia se desenvolveu e porque ela praticamente não existe mais, limitando-se apenas duas famílias. Conforme a pesquisa avançou, percebeu-se que a colônia japonesa em Santos se desenvolveu logo após a chegada do primeiro navio com imigrantes nipônicos, o Kasatu Maru. Ainda no primeiro ano de experiência com os imigrantes japoneses nas fazendas de café, muitos imigrantes decidiram fugir das fazendas para centros urbanos e outros, como no caso dos imigrantes oriundos Okinawa, uma província ao sul do Japão. Regressaram a Santos, pois se tratava na maioria de pescadores acostumados com o aspecto portuário da cidade.

A partir de então. Os imigrantes se concentraram nos bairros do Macuco, Campo Grande, Marapé, Saboó; também em São Vicente e em algumas regiões do Guarujá e atuaram principalmente com horticultura e com a pesca. E foi nesse momento que se percebeu a grande importância que os imigrantes japoneses davam a Educação. Assim, foi elaborado um projeto de pesquisa para compreender melhor a educação ofertada pelas colônias japonesas na

região. Os referenciais bibliográficos são unânimes em relação ao zelo que os imigrantes japoneses deram a educação e os esforço para a construção e manutenção de escolas japonesas. Assim aconteceu na Baixada Santista. Em Santos por exemplo, eram três escolas, com destaque para a Escola Japonesa de Santos. Com essas evidências, era hora de trabalhar em um projeto de pesquisa de nível de mestrado para a compreensão do processo educacional da colônia japonesa na primeira metade do século XX.

Ao longo da pesquisa, foi possível perceber que a Escola Japonesa de Santos, além de escola japonesa, também funcionou como escola Normal seguindo currículo brasileiro de Ensino Primário com professores brasileiros. Além disso, era ali que funcionava o escritório do consulado japonês na cidade. A Escola, para muito além do ensino da língua japonesa, era um ponto de referência educacional e diplomático para a colônia japonesa, principalmente nos anos de Getúlio Vargas. Naquele momento, era possível que a Escola Japonesa seria responsável pela centralização da Educação japonesa no vale do Ribeira. Foi assim que a banca examinadora, compostas pelas profas. dra. Zeila de Brito Fabri Demartini, Wilma Terezinha e Maria Aparecida Franco Pereira foi unânime em solicitar a continuidade da pesquisa no Vale do Ribeira em nível de doutorado para a compreensão do real alcance das ações da Escola Japonesa de Santos. Neste nível de formação, no doutorado, a pesquisa revelou que os anos do período conhecido como Estado Novo (1937 - 1946) foram de grande repressão a educação estrangeira e onde as escolas japonesas foram obrigadas a fechar devido a Segunda Guerra Mundial. Por esses anos se verificou pelas fontes consultadas grande esforço das autoridades nipo-brasileiras para assegurar o funcionamento das escolas, inclusive doando muitas delas ao governo brasileiro para garantir a continuidade do ensino primário. Foi possível, após essa análise, afirmar que em alguns aspectos a educação japonesa estava mais organizada que a educação ofertada pelo governo brasileiro, uma vez que haviam professores japoneses em locais que muitas vezes faltaram professoras normalistas.

No final da década de 1920, o Governo Japonês passou a apoiar financeiramente as instituições nipo-brasileiras, entre elas a Nihonjin Fukyo Kay, uma instituição destinada a capacitar professores, aprimorar material didático e auxiliar a construção e manutenção de escolas. Verificou-se que a Escola Japonesa de Santos era filiada a esta instituição, e de lá partiam as diretrizes para as demais escolas do Vale do Ribeira. Como por exemplo material didático ou formação e capacitação de professores.

Para se chegar a essas conclusões, a pesquisa contou como metodologia a pesquisa documental e a História Oral. Durante o período da Segunda Guerra Mundial, o prédio onde funcionou a Escola Japonesa de Santos foi confiscado pelo Governo. Nesse momento a documentação da Escola desapareceu. Por isso o caminho trilhado para o levantamento veio por meio da História Oral e o contato com as famílias de ex-alunos e professores da escola. Assim, atra-

vés de exaustivo levantamento de pessoas que tiveram algum tipo de contato com a escola na década de trinta foi possível ter ideia de como atuou a Escola Japonesa de Santos, suas práticas pedagógicas; estratégias para manter o ensino japonês o quanto possível em tempos de repressão governamental. Além disso, foi possível compreender a rede educacional japonesa na baixada santista e Vale do Ribeira e perceber que a Educação Japonesa estava muito bem organizada.

Atualmente, atuo no Centro de Memória da Educação de Praia Grande realizando pesquisas nos campos da História Regional, História da Educação, Memória e Instituições Escolares, Memória Educacional, Pertencimento e Formação de Professores. Apesar de não lidar com a pesquisa em colônias imigrantes, principalmente de origem nipônica, os níveis de mestrado e doutorado me possibilitaram um olhar de pesquisador para a continuidade nas pesquisas pelo centro de Memória da Educação. Possibilitando inclusive transportar métodos de pesquisa histórica, como por exemplo a história oral, para o campo da Educação.

O percurso não foi fácil, mas sem dúvida a pesquisa em nível *Strictu Senso* me legou uma grande maturidade para lidar com métodos de pesquisa que aprofundam a discussão no campo da Educação e possibilitam abordagens diversificadas na formação de professores e em futuras pesquisas que se refletem diretamente na sala de aula da Rede Municipal de Praia Grande.

Mestranda em Ciência de la Educación pela Universidad Del Sol – UNADES em Assunción, no Paraguai, eu, Rosimere de Souza Pereira tenho como objeto de pesquisa a Intervenção Precoce em Autista, com o objetivo levar aos professores um novo olhar quanto a esta temática. Esta linha investigativa vem apoiar a importância da Intervenção Precoce para o desenvolvimento das crianças com Transtorno do Espectro Autista – TEA para compreender como ocorrem as relações sociais destes indivíduos com seus pares, a comunicação verbal e não verbal e o trabalho desenvolvido para estimulação delas, tendo como público-alvo, crianças de Creches e da Educação Infantil.

Quanto ao gosto e a vontade de se obter conhecimentos nesta área, é preciso fazer uma viagem na trajetória da minha carreira profissional. Um caminho trilhado desde o início de 2010, quando fui convidada a ser professora do Atendimento Educacional Especializado – AEE, na cidade de Peruíbe – SP. A paixão de trabalhar com seres tão puros e, ao mesmo tempo, cheios de vida, com necessidades e habilidades ímpares, me levaram a aprofundar meus estudos. Queria buscar maiores conhecimentos que contribuíssem com os novos desafios. Cada aluno em sua individualidade era um desafio a parte que necessitava uma abordagem ímpar e individual, trilhas que jamais tinha passado, o medo e a emoção andavam de mãos dadas e a incerteza era a bússola que me guiava cada vez mais na busca de novos conhecimentos. Foi motivada por esta emoção que iniciei meus estudos acerca da Educação Especial.

Com ingresso na especialização em Educação Especial, percebi que precisava voar mais longe. Foi então que realizei o concurso público para professora do AEE na cidade de Praia Grande – SP. Foi com muita surpresa que vi meu nome entre os primeiros colocados. No primeiro ano, por motivos pessoais, não pude assumir o AEE, assumi uma sala na Escola de Educação Especial. Foi um ano de muita aprendizagem que, somado aos anos posteriores como professora do AEE, me levaram a refletir que precisava aprofundar o conhecimento em outros saberes. Foi então que realizei vários cursos, entre eles, os que mais me identifiquei foram aqueles voltados ao Transtorno do Espectro Autista – TEA. A vontade de contribuir mais com esses alunos, como a própria palavra em seu sentido amplo diz, tão especiais, “assim eles eram para mim, especiais”. Queria fazer algo que pudesse realmente ajudá-los a ter uma qualidade melhor de vida. Foi então que, em 2017, ingressei em um novo trabalho de Assistente Técnica Pedagógica – ATP de Inclusão, da cidade de Praia Grande – SP, com a atribuição de coordenar ações pedagógicas no que diz respeito aos alunos de inclusão em algumas escolas deste município, no qual poderia levar o conhecimento adquirido para outras pessoas que, assim como eu, buscava compreender esse mundo misterioso e, ao mesmo tempo, fascinante.

Mesmo assim, deparei-me com outra realidade, mais ampla que o imaginado. Percebeu-se um grande número de crianças adentrando as escolas com necessidade e habilidades únicas e, ao mesmo tempo, diversas. Neste momento, percebi que todos os conhecimentos trilhados eram insuficientes para dar conta da nova realidade complexa. Precisava obter mais informações e práticas eficazes quanto a estimulação desses pequenos. Foi quando ingressei no Mestrado, na linha de pesquisa em Intervenção Precoce em Autistas. Como o crescente número de casos de crianças com Transtorno do Espectro Autista ingressando nas escolas de Educação Infantil e Creches, o anseio dos professores que atendem esta demanda, a falta de informações sobre melhores estratégias a serem utilizadas em sala de aula e diante do meu fazer como ATP de Inclusão que, entre as minhas atribuições, tinha a missão de contribuir com os professores para que esses alunos tenham uma escola que realmente os incluam como parte de um todo, me motivaram a pensar em como levar a esses profissionais, reflexões acerca da intervenção precoce em crianças com TEA ainda nos primeiros anos de vida. Diante disso, foi idealizado o curso “Intervenção em Autistas”, com o propósito de fornecer subsídios teórico-práticos que possibilitam um trabalho específico que contribua para o desenvolvimento desses pequenos, como também, estratégias utilizadas para a estimulação da comunicação verbal e não verbal. Essa capacitação teve início com sua primeira turma em abril de 2019 e atendeu professores, coordenadores e gestores de algumas Escolas Municipais da cidade de Praia Grande - SP.

Como objeto de pesquisa, a contribuição da análise do estudo das estratégias realizadas pelos professores terá como ponto de partida, conforme informado, a comunicação social, mostrando como se dá a interação das crianças com os seus pares, analisando quais os procedimentos didáticos e metodológicos que orientam o trabalho realizado pelos professores do Ensino Regular e do Atendimento Educacional Especializado - AEE e a observação referente aos recursos utilizados para Estimulação Precoce tendo como referencial o brincar.

O trabalho desenvolvido com a primeira turma colaborou para que esses profissionais obtivessem melhor reflexão acerca da intervenção precoce em crianças com TEA, ofertando a eles, um amplo caminho em busca de novos conhecimentos, a modo de utilizá-los na busca de um trabalho que realmente possa contribuir com a estimulação de determinadas áreas do cérebro que não são alcançadas de forma natural por esse público, sendo, desta forma, um aliado para que o processo de aprendizagem ocorra com melhores resultados em termos de desenvolvimento cognitivo, linguagem e habilidades sociais.

Espera-se com o presente estudo, ainda em andamento, buscar um aperfeiçoamento de minha prática quanto a esta temática e que eu possa contribuir mais com os professores deste município, levando a eles maiores

informações acerca desse transtorno.

Algumas considerações

A proposta de apresentar sínteses autobiográficas é levar aos profissionais que desejam a continuidade da formação docente a reflexão de que ponto a trajetória pessoal pode, ou não, interferir na escolha e na condução das pesquisas em nível *Stricto Sensu*. Ao fazer esse exercício, porém, percebem-se alguns desafios e incertezas na trajetória de quem trilhou esse caminho. Espera-se que a experiência de quem já passou pela pós-graduação incentive aqueles que almejam dar sequência nos estudos através da pesquisa em nível de Mestrado e Doutorado. Durante as apresentações, por exemplo, algumas dúvidas levantadas pelo público presente podem levantar hipóteses quanto aos questionamentos, as dificuldades e as incertezas sobre a pós-graduação. Eis alguns questionamentos:

O mestrado parece ser um fardo nada prazeroso.

Não foi possível conciliar o mestrado com a rotina profissional e domiciliar.

O que é e como superar a prova de proficiência em língua estrangeira.

Parece que o mestrado foi feito só para os jovens que não tem emprego e outras responsabilidades.

Qual é o papel do orientador?

Já não é de hoje que se discute a necessidade de aperfeiçoamento contínuo dos professores: a tão abordada Formação Continuada (NÓVOA, 1995). Acontece que ainda é notável o distanciamento da pesquisa científica com a Educação. Apesar dos esforços para a aproximação desses universos por vezes distintos, ainda é notável a dicotomia entre as pesquisas, a formação de professores e os fazeres em ambiente escolar. Contudo linhas de pesquisas como Formação de professores, pesquisa autobiográfica, pesquisa-ação vem quebrando essa barreira, linha de raciocínio como a do presente texto, visam justamente aproximar a pessoa tanto do meio acadêmico e científico como um todo como aproximar a prática docente a produção de conhecimento por meio da pesquisa *Stricto Sensu* (AZEVEDO, 2015), evitando assim o pensamento "O mestrado parece ser um fardo nada prazeroso." Quando, segundo teorias como o pragmatismo de John Dewey ou mesmo as inteligências múltiplas de Howard Gardner, a descoberta é um processo fundamental ao ambiente escolar. Espera-se que o professor esteja familiarizado com esse processo para orientar seus alunos da melhor maneira possível.

Nesse sentido, O caminho possivelmente árduo, perpassando por avaliações de proficiência em língua estrangeira, deslocamento para outro país ou carga horária conflitante com horário de trabalho etc. possivelmente desestimula

profissionais que já desenvolvem trabalhos diferenciados em sala de aula e que poderiam ser potencializados na medida em que os professores pudessem experimentar novas abordagens metodológicas de pesquisa científica no campo da Educação, assim como experimentar trocas de experiência nos eventos científicos relacionados a pós-graduação.

Essas colocações, apesar de não ser possível a análise mais profunda sobre a visão da classe docente sobre a pós-graduação, levanta a hipótese das possíveis dificuldades e dúvidas para com a pós-graduação. Seria interessante, em futuras pesquisas, um esforço para aprofundar, através de metodologias adequadas, para a compreensão da formação docente, perpassando toda a sua trajetória de vida profissional. Se não é possível fazer isso nesse momento, o Simpósio deu o primeiro passo em instigar a discussão acerca da biografia dos profissionais e como essa biografia foi conduzida até o tema de pesquisa *Stricto Sensu*.

Referências

AZEVEDO, Adriana Barroso de. Narrativas das experiências docentes com o uso de tecnologias na educação. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

FERRAROTTI, Franco. História e História de Vida. Natal: EDUFRRN, 2014.

NÓVOA, António. Os professores e sua formação. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

